

---

**Destempo**

Para minha mãe.

1.

Foi nosso último verão e, como em todos os verões, viajamos para a espaçosa casa de veraneio de José, recanto escondido no meio da Mata Atlântica, sua “idílica Ítaca”, como ele costumava chamar, embora não fosse verdadeiramente “sua”. A casa era da família, José não poderia jamais sustentar tamanha opulência. Essas viagens eram seu jeito pachorrento de se esconder da civilização, passar o aniversário, sempre doloroso, em resoluta reclusão. No começo, adorava estar sozinho com ele. O silêncio entrecortado apenas por pássaros, bichinhos minúsculos, saguis e preguiças. À noite, a cantoria animal era interrompida apenas pelos gritos do nosso desejo.

Mas, como quase tudo entre nós, àquela altura eu já não suportava mais essa idiossincrasia. Na verdade, a simples ideia da viagem à casa da praia me causava uma sensação parecida com a febre. Mas fomos, e o final de semana foi, como eu esperava, tedioso. Nosso relacionamento caducara, o que não é necessariamente nenhum problema. Diria, até, que é o caminho natural das coisas. Noventa e cinco por cento das espécies estão extintas, e noventa e nove por cento dos casais está acabado. A monogamia foi feita para os celacantos e as equidnas. Para os homens, a vida tem meandros, barreiras, muralhas e obstáculos que parecem intransponíveis quando se é sábado à noite.

Havia, claro, a diferença de idade. Quando eu tinha 20 e poucos, me parecia excitante a ideia de namorar um homem tão mais velho. José era viajado, tinha lido os clássicos, falava alemão. Tudo

o que ele me dizia parecia fascinante. Além disso, era inegavelmente bonito. Quer dizer, talvez não fosse *bonito*, mas era charmoso – vestia-se bem, tinha hábitos refinados, gostava de música.

Agora, eu estava chegando aos 30 e José tinha 43. Era, portanto, um senhor de meia idade, cheio de manias, ressentimentos e mágoas. Era um homem que gostava da rotina, acordava sempre no mesmo horário e antes de se deitar enchia um copo d'água para deixar na mesa de cabeceira. De manhã, tomava no café duas torradas. Assobiava enquanto fazia xixi. Sua vida funcionava como um velho relógio. Estava preso a um cargo de professor não-concursado que detestava – mas sobre o qual não fazia nada. Tinha dedicado toda a carreira a um autor obscuro, para o qual ninguém, além dele e de uma outra meia dúzia de fanáticos, dava a mínima importância.

Na sua rabugice, se dava terrivelmente mal com os alunos, que o achavam “caricato” e “antiquado”. José parecia bem mais velho que seus 40 anos, no espelho e na alma. Quando falava alguma bobagem, se remendava com um sorriso tolo: “Sou um homem primitivo.” No mais, resmungava. “A academia nunca soube valorizar os gênios.” Aquilo me irritava. O aspecto mais excitante de sua existência era que estava vagamente “escrevendo um livro”. Foi isso o que fez na maior parte do tempo em que estivemos na praia. Burilou seu livro. O livro que, nós dois sabíamos, jamais seria terminado,

Era verão, mas o calor esvaía. No sertão, do lado de cá da Rio-Santos, a chuva encharcava diariamente as folhas, das bromélias

gigantes às altas copas das árvores por onde o sol se escondia, me fazendo tilintar com um frio úmido. Impossível ir à praia. A velha casa, obscura no meio da mata, me parecia mais soturna. Enquanto José escrevia, me sentia preso num *thriller*.

Um dia, a chuva parou e o céu ficou encoberto por uma nuvem grossa, cinza, parecida com uma manta velha. O céu congelara, e algo em mim também. Faltava um pouco para às 8h da manhã quando finalmente despertei de um longo sono. Abri os olhos, observei ao meu redor, mas, no semiescuro, era difícil ver qualquer coisa. Apenas uma coleção de sombras, formas desconexas. Por um instante, fiquei sem saber se sonhava. Mas, esfregando bem os olhos, pude observar a mesa de cabeceira, a pequena pilha de livros, o cabideiro com as roupas amarrotadas. Tive certeza de que estava acordado, mas, naqueles dois ou três minutos em que meus olhos demoraram para se adaptar, achei que o pequeno quarto estava um pouco menor do que na noite anterior. Talvez só um pouco menor.

Naquela noite, cozinhei um macarrão e nos sentamos juntos para assistir à televisão. Eu gostava de cozinhar, em São Paulo, mantinha uma pequena biblioteca de livros de receita – o que, no início, José achava deliciosamente cafona. Antes, me elogiava os pratos. Agora, sempre os recebia com muxoxos. Daí o macarrão em molho simples, feito de tomates, azeitonas pretas, manjerição. Uma *puttanesca*. Comemos em silêncio, sob a luz azulada do televisor. Assim começou. Devagar, com uma nota de rodapé, uma notícia descoberta no Jornal Nacional. O mar baixava. Milímetros, mas

baixava. Sentados no sofá, não chegamos a nos entreolhar. Ele, que sempre tinha uma tirada inteligente, um argumento preparado, um artigo lido na *The New Yorker*, não disse nada. Já eu, ouvia, mas não escutava. “O mar baixava.” Conhecía aquelas palavras, as entendia individualmente, sabia os seus significados e, se procurasse fundo na memória, seria capaz de encontrar, nas aulas de português do primário, suas categorias morfossintáticas. Artigo, substantivo, verbo. Sujeito e objeto. Mas juntas, naquele contexto, podiam muito bem pertencer ao suaíle ou ao aramaico. “O mar baixava.” O que aquilo significava?

Nas semanas seguintes, a notícia cresceu. Nos Estados Unidos e na Europa chamaram cientistas, pesquisadores. Esses se debruçaram sobre o assunto, mas, claro, nada encontram. Era um evento estranho, impossível. Surgiram hipóteses. A mais provável, disseram, era que aquilo fosse um efeito das mudanças climáticas.

Parecia loucura, mas também parecia possível. Houve quem comemorasse. Também quem tirasse sarro. “Não precisamos mais nos preocupar”, disseram. “No que tange aos oceanos, o aquecimento global está solucionado.” No Brasil, surgiram os oportunistas, e teve quem vendesse terrenos novos à beira-mar. Por um tempo, a notícia desses pequenos golpes recebeu mais atenção do que o fato. Os mares de toda a Terra recuavam, mas, no Rio, os malandros cariocas continuavam malandros cariocas. Os mares recuavam. Mas era tão pouco, uma colher de chá num oceano, que pouca gente realmente se importou.

Só que, ao longo do verão, o recuo se tornou cada vez mais

evidente. Às vezes, por curiosidade, eu pegava o carro e deixava a casa para observar, da beira praia, o quanto o mar recuara, para ver lá longe a água. Imaginei que, ainda que chovesse, ainda que as águas resolvessem desabar todas de uma vez dum céu nublado, o mar nos fugiria, como se engolido por não sei qual monstro marinho, sedento, em suas profundezas.

José, por outro lado, não tinha interesse. Achava aquilo uma bobagem, um despropósito. Resmungava e, como se fumasse um cachimbo invisível, dizia que “do *Waldsterben* ao buraco na camada de ozônio, este mundo sempre esteve prestes a acabar. Apesar disso, cá estamos”.

Aquilo me irritava.

Em meados de fevereiro, voltamos para São Paulo e confesso que me senti aliviado. Do alto, do planalto, a crise me parecia menos palpável. Na praia, me sentia melancólico, com falta do mar, da água, daquele cheiro de peixe e sal. Um cheiro divino que, para mim, garoto paulistano, precisava ser buscado, procurado. Atravessar a Serra do Mar me lembrava da infância, de descer com minhas irmãs para a praia, de me deixar salgar pela água e sentir a rudez da areia contra a minha pele e aquele calor que cansava. Me deitar na areia depois de um dia de sol, cochilar enquanto a tarde se tornava laranja, ouvir o sorveteiro matraqueando. Cheiro de mar e de protetor solar.

Na cidade eu podia sair, me divertir, encontrar meus amigos, passear, ver exposições de arte e filmes, ir ao IMS, frequentar a Cinemateca e o Belas Artes, tomar um negroni no Boca de Ouro ou no Guarita, almoçar uma feijoada no Mercearia. Viver.

Então aconteceu.

Nos conhecemos na fila do supermercado. Brinquei com ele sobre um vinho que trazia no carrinho. Cauê riu, devolveu a piada. Acabamos trocando telefones. Cauê era em tudo diferente de José. Era jovem, criativo. Sua inteligência não se encaixava aos modelos tradicionais, academicistas. Tinha tiradas espertas, engraçadas. Como era engraçado! Me fazia rir, o que para mim era uma dádiva. Além disso, era bonito. Incrivelmente bonito. Naquela época, tinha começado a flertar com estranhos, sem expectativas, apenas para exercitar um músculo há muito esquecido. Mas o fato de Cauê ter se interessado acabou mudando os planos. Nunca achei na vida que fosse ter um amante. De repente, estava apaixonado. Como lidar? Por sorte, São Paulo era uma metrópole, Cauê e José não pertenciam ao mesmo círculo social, nunca saberiam um do outro. Além disso, eu era reservado. Só via Cauê quando José não estava, normalmente quando ele viajava para algum de seus seminários.

Por estranho que pareça, aquele novo relacionamento me fez rever as qualidades do antigo. José era, ao seu modo, carinhoso. Se preocupava comigo, com a casa, com as pequenas coisas. Sua organização balanceava minha anarquia. No fim, nos completávamos. Cauê me fez mais feliz por estar José, por fazer parte de ambas as vidas. Por eles dois, tão diferentes, terem me escolhido, fui feliz.

Mas a felicidade nunca é duradoura. Naquela manhã, saí de casa cedinho e fui à loja de discos aqui perto de casa. O dono era um velho punk, de nariz avantajado e calva proeminente. Estava sempre



murmurando de forma ininteligível sobre a vida. Apesar disso, a loja era agradável. Ficava na garagem de um velho sobrado, numa região da moda. Havia um *parklet* na frente e ao lado, em outras garagens, funcionavam uma hamburgueria e uma choperia artesanal. Comprei *Prélude à l'après-midi d'un faune*, de Debussy, dirigido por Leonard Bernstein, e depois fui até uma Starbucks ali perto, tomar um *frappuccino*. Fazia calor, por isso sentei-me ao lado de fora e degustei meu café gelado lendo *Steve Jobs: The Man in The Machine*. Ao longe, era possível observar a luz de um sol alaranjado transpassar as nuvens grossas. Sentadas ao meu lado no café, duas mocinhas conversavam animadas sobre o novo disco da cantora Lorde.

Cauê chegou atrasado. Me deu um beijo rápido nos lábios. Parecia preocupado, agitado. Segurei suas mãos grandes. Sorri. Fiz uma piada. “O mundo poderia acabar agora.”

“Estranho você mencionar.”

Cauê me abriu. O mar baixava. Este mundo já não era mais o mesmo. Uma tragédia. Mas havia um certo descompromisso, um descomprometimento. Como se tudo aquilo acontecesse num outro lugar, com outras pessoas, e nós apenas assistíssemos numa terceira perspectiva. Não éramos mais *nós*, mas personagens numa plateia. No carnaval, abundaram fantasias de “pescador sertanejo”, e outras barbaridades. Mesmo quando centímetros viraram metros, as pessoas não se preocuparam e ainda que economistas alertassem sobre possíveis consequências catastróficas, o mundo simplesmente seguiu.

Virou notícia. Um especialista em direito internacional mencionou questões complexas, como zonas econômicas exclusivas e mares territoriais. Um famoso ensaísta falou sobre a morte de Veneza. Outro, lembrou das praias de Copacabana. Mas a piada foi que agora o Rio tinha até mais praia. Uma revista semanal estampou: “Rio, praias sem fim”.

Com o tempo, milímetros se tornaram centímetros que se tornaram metros. Logo, um quilômetro separavam a avenida Atlântica do mar, e as águas do canal do porto de Santos desapareceram, dando lugar a um descampado. Florianópolis se tornou uma península, a Baía de Todos os Santos um pequeno deserto, de sal. Ao sul do continente, a rasa plataforma continental argentina se alastrou seca até as Malvinas. “Los ingleses están finalmente rendidos”, disseram. Mas as terras novas eram inóspitas, cobertas por grandes dunas brancas, salgadas, mortas, num cenário extraterrestre, de filme apocalíptico.

Deitado sobre a cama de Cauê em seu pequeno apartamento em Santa Cecília, pude ver pela televisão as grandes faixas de areia que se estendiam para muito além de onde antes ficava a costa. Cauê roía as unhas enquanto a reportagem mostrava um bando de novaiorquinos incrédulos caminhando sobre o que antes era a Upper New York Bay, tirando fotos sob a ponte de Brooklyn. Abracei Cauê pensando em José, e as lágrimas de meu amante escorreram salgadas pelo meu colo. Mas o que mais nos impressionou foram as imagens aéreas da foz do rio Amazonas. O rio, ao encontrar o Marajó, não seguia seu curso sobre leito agora seco do mar, mas simplesmente

evaporava numa gigantesca catarata que, desafiando a ordem natural, ignorava a gravidade.

2.

“Quase tudo o que Teixeira escreveu pertence a um gênero que, já na sua época, se chamava de ‘realismo fantástico’. Precisamos, no entanto, ter cuidado ao usar esse termo, especialmente quando falamos sobre Teixeira, um autor que, além de complexo na sua narrativa, teve uma existência no mínimo heterodoxa, coroada por um diagnóstico de esquizofrenia e uma morte solitária num hospital psiquiátrico. Diferente de Cortázar, ou Borges, ou García Márquez, ou Calvino, é bem provável que Teixeira não distinguisse totalmente entre o mundo real e o universo fantástico de sua literatura. Então surge a pergunta que muitos colegas tentaram responder desde o começo dos anos 1990: *Do Tempo Viajante* é um trabalho realista fantástico, ou simplesmente uma visão fantástica da realidade? Já eu me permito perguntar outra coisa, uma questão que é para mim mais interessante, mais intrigante: qual a diferença? Não vivemos todos em universos particulares? Não seríamos todos, em algum grau, esquizofrênicos? Todos os dias, ao redor do planeta, bilhões de pessoas acordam pela manhã e, antes de mais nada, conversam com Deus e outros amigos imaginários. Talvez esse fato não prove uma outra existência, mais secreta e menos comunicável, mas pergunto-lhes: quantos de vocês já viram um átomo?”

Pausa para os aplausos. Mais um dia, mais uma aula. Lembro-me da primeira vez que apresentei minha tese de mestrado. Suava frio, gaguejava, me embaralhei. Mas, depois de tantos anos, aquele assunto já me era tão natural quanto respirar. Além disso,

simpósios como este seguiam um roteiro pré-definido. O professor fala, os alunos fazem perguntas banais. Alunos não são, convenhamos, os seres mais inteligentes do mundo. É raro que consigam pensar fora da caixa. Normalmente, fazem grandes solilóquios, construções elaboradas, para perguntarem uma sandice. Cabe ao professor, responder com um solilóquio maior e mais elaborado – o que geralmente não é difícil. Naquela noite não foi diferente. Respondi às perguntas de praxe, fiz boas e inteligentes conexões, deixei a todos boquiabertos com minha sapiência.

Mas uma questão me surpreendeu.

“Professor, qual leitura podemos fazer de Teixeira em relação a atual crise das águas?” A voz falou vacilante. Era voz de mulher, mas não consegui vê-la bem à meia luz. De onde eu estava sentado, seu rosto se confundia nas sombras. Confesso que me irritei. A tal “crise das águas” vinha se arrastando há meses. Só se falava nisso. Pensei que naquela noite, naquele simpósio, poderia relaxar e discutir entre meus pares sobre o que realmente importava: a literatura, a arte, a construção de novos mundos, diferentes e peculiares. Oceanos? Crise? Chamem-me de Ismael, mas prefiro *Moby Dick*. Ah! Sempre melhor um livro do que essa amálgama mal-ajambrada que convencionamos chamar de “realidade”.

Além do quê, a pergunta não tinha sentido. Francamente, era quase esotérica. “Teixeira e a crise das águas.” Os dois tópicos não podiam ser mais dispares. Tomei um gole e respondi com generalidades. Numa referência ao teorema do macaco infinito, lembrei-a de que o trabalho de Teixeira era vastíssimo. Que dada a

sua generalidade, englobava tudo – mas também não englobava nada. Disse a ela que, na minha opinião, Ebleskive era um universo em si, um microcosmos. O que estava ali contido deveria permanecer assim, alheio às questões mundanas.

Afinal, apenas em seus volumes principais, *A História do Tempo Viajante nas Guerras de Unniyappam-Neyyappam e da Tempestade Causada Pela Revolta dos Mineiros de Cekodok no Reino de Ebleskive* continha mais de 9 mil páginas de uma intrincada história. Isso sem contar os diários das personagens, diagramas, as linhas do tempo, hinos, árvores genealógicas, discussões sobre patentes militares, mapas, bandeiras, medalhas, além dos retratos que compôs, das belíssimas aquarelas que pintou e das colagens que fez. Ebleskive era um outro mundo, vivo, pulsante, cheio de vigor. Não precisávamos contaminá-lo com nossa vida mesquinha. “Um verdadeiro universo”, resumi.

Depois, comecei a enrolar. Fiz referências biográficas, falei sobre o contraste entre a obra monumental e a vida banal, e terminei com um profundo “Teixeira escreveu por anos de forma absolutamente reclusa num pequeno apartamento perto da Santa Casa de Misericórdia. Criou um mundo sem sair de casa. Talvez seja essa a verdadeira face de Deus.” Pareceu funcionar. Sob a luz baixa do auditório, vi um ligeiro sinal de concordância, um leve acenar de “sim” com a cabeça.

Continuamos a palestra, mas confesso que perdera o interesse. Dentro de mim, mastigava aquela pergunta. “Teixeira e a crise das águas.” Que coisa mais estapafúrdia! Não entendo o porquê

das pessoas terem essa tara, essa necessidade, de turvar a literatura com a realidade. Como se o real já não fosse o suficiente, como se já não precisássemos viver nele, respirá-lo. Essa gente sem imaginação, sem jeito, contrária a qualquer escapismo.

Mas, talvez.

No capítulo 29 do livro 43. Sim, havia, um recesso de águas. Algo tangencial, claro. Tentei puxar pela memória. Difícil, dada a magnitude da obra. Mas há uma passagem, sim. Enquanto um colega falava, peguei o celular e, disfarçadamente, procurei-a, mas, tirando uma ou outra aspa, foi impossível achá-la.

“...dessa forma, podemos ver a influência do cânone ocidental mesmo num autor *naïf*. Podemos chamar isso de *inconsciente coletivo*. Todos nós, por mais alienados, conhecemos o básico da história de Ulisses, da Odisseia, da queda de tróia...”

Noventa e cinco volumes. Quando descoberto, *Do Tempo Viajante* causou algum burburinho. Afinal, era uma obra única. Sua qualidade, aliada à perspectiva de um louco, chamara a atenção. Mas, logo, o interesse esvaeceu. *Do Tempo* era longo, caudaloso, verborrágico. Por vezes chato, mesmo. Interessava a um número pequeno de aficionados e, embora algumas passagens tenham entrado para o inconsciente coletivo – como, por exemplo, o poético início do capítulo 10, “sobre o leite e o sangue”, que virou música brasileira –, pouca gente realmente *conhece* o livro.

Ainda assim, de uns anos para cá, Teixeira adquiriu status de *cult*. Um de seus poucos retratos hoje estampa ecobags e há alguns

anos uma exposição sobre sua obra atraiu considerável público ao Museu da Imagem e do Som. Mas continua difícil encontrar quem o discuta em alto nível. Sua coleção completa, por exemplo, teve tiragem limitada. Teixeira *nunca foi um best seller*. Seria impossível sanar minha dúvida enquanto não chegasse em casa.

“...vou responder a sua pergunta com uma outra: afinal, o que é ficção fantástica? Por que precisamos colocar tudo em caixinhas. Opa, me perdoe, acabei fazendo duas, mas a questão é...”

Comecei a me interessar por Teixeira ainda na adolescência. Lembro-me de me deparar com ele num sebo, uma coletânea de textos ilustrada por suas aquarelas. Era de tirar o fôlego, como abrir uma portinha para outra dimensão. Desde então, dediquei minha vida a estudá-lo. Hoje, sou o maior especialista sobre o autor no Brasil – provavelmente do mundo. Dessa forma, recebo muitos convites. Aqueles simpósios, embora inúteis, me permitiram viajar o país. Em algumas oportunidades, também para fora. Durante minha carreira, falei sobre Teixeira na Universidade de Buenos Aires, também em Córdoba e, uma vez, por videoconferência, em Oberlin. Cheguei até a dar entrevistas para um documentário, embora a peça tenha tido problemas de captação e nunca tenha sido lançada.

“Não acredito que a loucura seja benéfica para a arte”, respondeu um colega àquela que era a pergunta principal quando falávamos sobre Teixeira. Impressionante como as pessoas podem ser repetitivas. “A loucura e a arte”, “o valor da arte”, “o artista maldito”. Que chateação. De qualquer forma, mesmo que me chateasse, era bom passar um tempo longe de São Paulo, longe de



Josué. Meu doce e ingênuo Josué. O amor da minha vida. Minha mais recente desgraça.

Nos conhecemos na universidade. Ele foi meu aluno. Na época, esse tipo de relacionamento, ainda que tabu, não era incomum. Logo, percebi pelo seu olhar fixado que não estava assim tão interessado em literatura brasileira contemporânea. Era quase pornográfica como me encarava. Na época, eu não tinha saído do armário. Na verdade, sequer sabia *que estava no armário*. Josué foi o meu primeiro homem. Uma relação forte, intensa. A ele entreguei tudo.

Josué era uma tempestade. Gostava da noite, do bar, de música alta e cerveja barata. Por um tempo, mergulhei. Mas, naquela época, eu já era do silêncio, da pesquisa. Impossível contemporizar nossos estilos de vida. Assim, de comum acordo, escolhemos a infelicidade. Eu imaginava que ele me traia, impossível prender um relâmpago na garrafa, e eu também não era fiel. No início, quando minha homossexualidade era uma novidade, tive pequenos e grandes casos. Queria conhecer os homens, entendê-los. Não me sentia culpado. Nas minhas viagens, descobri o Brasil em mais de um sentido.

Por fim, sosseguei. Agora, aos 43, queria apenas me recostar numa cadeira, ler um livro, talvez tomar um vinho com os amigos mais próximos – mas apenas de vez em quando. “Morrer, dormir, talvez sonhar”, que minha vida fosse um mar límpido, calmo. Ou mar nenhum. Um deserto árido e silencioso, onde eu pudesse fechar os olhos e ouvir a canção do vento. Gostava assim, quieto. Por isso,

foi fácil rejeitar o convite dos professores para “conhecer a cena noturna local”. “Tenho de revisar uns trabalhos, dar umas notas”, desconversei com um sorriso amarelo. Não tinha o menor interesse em terminar a noite em algum barzinho de interior, comendo amendoim e tomando cerveja aguada.

Despedi-me e caminhei solitário até o estacionamento. Sob uma garoa fina, chata, percebi que, na verdade, a pergunta da garota era tudo, menos banal. Afinal, o que ela quisera dizer com aquilo? Pela primeira vez em muito tempo, senti aquele ímpeto, aquela tempestade que nos leva à pergunta, à pesquisa, ao conhecimento, ao saber teórico. Mal podia esperar para chegar em casa. Sim. Estava precisando reler Teixeira, reencontrá-lo, revisitá-lo, velhos amigos que éramos.

Estava absorto nesse pensamento quando a vi encostada na porta do meu carro alugado, a roupa molhada pela chuva. Deveria estar ali há algum tempo. Pude então observá-la com mais atenção. Devia ter pouco uns 20 anos, usava uns óculos grandes, quadrados, de armação escura, e tinha os cabelos avermelhados, nos quais a grande raiz negra denunciava a tintura.

“Professor, eu me chamo Ana.”

3.

“E o José, como está?”, mamãe me perguntou, mas seus olhos vagos não me olharam. Há muito que vivia num limiar, meio aqui, meio lá. Nos dias bons, atravessa a fronteira e vinha visitar este mundo. Nos ruins, ficava no seu plano. Naquele final de semana, estava do lado de lá, e apenas acenava, vez ou outra, para mim.

Com José viajando, aproveitei para ir até ela, ritual que cumpria ao menos duas vezes por mês. Por entre as nuvens, o sol deixava transparecer alguns raios. Um dia nublado. Ainda assim, bonito. As ruas, cheias de gente eram como um presságio. A vida seguia. Pessoas correndo, conversando, botecos cheios. O mar, tão distante da cidade, importava pouco. Talvez nesse aspecto, São Paulo fosse privilegiada, não sentia os efeitos mais graves da crise, como o Rio ou Salvador. Por lá, a seca desesperava, pois as janelas de Copacabana não eram as mesmas debruçadas para um seco salar.

Ou talvez quiséssemos apenas ignorar. Ignorar e viver. Viver enquanto há tempo, viver desgarrados, desprendidos. Viver para ter o que contar, fosse qualquer coisa, porque a vida parece fugaz quando o que é mais concreto se desprende e, literalmente, vira nuvem, fumaça. Viver para viver, como há muito não vivíamos.

Por isso, decidi pegar a bicicleta e pedalar até a casa da mamãe. Era um bom exercício, quase 15km, e Deus sabe como eu estava precisando. Aos 30, o metabolismo arrefece, e somos obrigados a enfrentar nossa mortalidade. Me olhando no espelho, tocando as bordas de meu corpo, estava claro que ele já não é o mesmo. Era uma caricatura. Essa barriga, uma barriga de velho, de

chope – justo eu, que já quase não bebo! A pele também já não era a mesma. Está oleosa. Vivo uma segunda adolescência. Há espinhas pelo corpo e pelos onde antes não havia. Preciso andar de bicicleta, voltar a nadar, fazer musculação e ter uma dieta equilibrada. Preciso ler os livros que ainda não li e ouvir as músicas que não escutei.

Mas, antes, mamãe. Levar ela para almoçar, talvez. Sim, seria bom. Para que ela veja a rua, aquela rua fermentando de gente, de pessoas. Gente com vontade de viver. Morrendo de vontade.

No horizonte, uma nuvem acinzentada. Atravessei da guia para a ciclofaixa e senti um leve tranco na roda. Durante a longa pedalada vou ouvindo desatentamente um podcast. Falava sobre culinária, *Uma Pitada de Cultura*.

“...é interessante como os ingleses, que hoje cantam *vindaloo* em seus estádios, devem muito à culinária indiana. Esse tipo de curry tornou-se um símbolo da culinária britânica, mas sua origem não está nas margens do Ganges, mas do Tejo. O *vindaloo* é uma variação de um prato português da ilha da Madeira chamado *carne de vinha d'alhos*...”

Este mundo seguia. A cada volta da coroa, mais e mais parecia que tudo estava voltando ao normal. Num instante, tive medo. Seria aquela a famosa bonança que sempre precede a tempestade?

Paro num sinal perto do supermercado Pastorinho. Os carros que passavam por ali descem em direção ao Klabin, à Ricardo Jafet, às vezes à praia. Sinto como se um cheiro de mar subisse dali e me

infectasse as narinas. Mar e peixe. Também especiarias. Vindaloo, arroz de jasmim e charutinhos de folha de uva. Sou transportado para um velho mercado árabe, onde me aventuro como explorador ou arqueólogo. Vou conversando com gente diferente, falando em língua estranha, *as-salamu alaykum*. O sol vai me tostando a pele enquanto caminho pelas barraquinhas de vime, decoradas em tons exóticos, carmim, terracota e lápis-lazúli. Alguém deveria escrever sobre isso.

Atrás de mim, ouço uma sineta. Sou interrompido de minha viagem ao oriente por um ciclista malcriado. O sinal está aberto. “... A realidade é que quem pensa que a culinária indiana está relegada aos currys, pode se surpreender ao descobrir toda uma multitude de gostos, sabores, aromas e variedades. Pouco conhecido no Brasil, o chutney *hara*, ou literalmente chutney verde, serve de amparo narrativo ao magistral *Os filhos da Meia Noite*, de Salman Rushdie. Vamos à receita: você vai precisar de folhas de menta e coentro em igual quantidade...”

Logo que comecei a namorar José, costumávamos ouvir podcasts juntos, *Uma Pitada de Cultura* entre eles. Ouvia atento, e às vezes ainda comentava sobre algum aspecto curioso, um fato oculto ou pouco conhecido. Complementava a experiência com seu conhecimento enciclopédico. José tinha uma cabeça realmente privilegiada.

Pena que, de uns tempos para cá, não se interessasse mais.

Quando cheguei ao Jabaquara, encontrei mamãe mais velha do que antes, um pouco mais velha todos os dias. Me sorriu. Parecia

feliz, embora o branco das raízes dos cabelos dessem a ela uma aparência de cansaço. Era uma pena que sua mente variasse, pois o corpo seguia forte. Me sentei ao seu lado. Ela me sorriu outra vez, seus olhos azuis, de filha de alemães, me atravessaram. “Mãe, você não quer que eu te leve para pintar o cabelo?” Ela me olhou como se não entendesse. Depois, finalmente, algo concatenou, e ela respondeu que Maria, minha irmã, tinha lhe prometido pintar. “Mas, me diga, como estão as coisas. O José, como está?”

Sou o mais novo de quatro irmãos, o único homem.

Minhas irmãs tinham dificuldade em lidar com a doença de mamãe, daí que sumissem por meses, sempre fazendo promessas de que apareceriam.

Exceto por Teresinha. Lá dentro, ela resmungava. A filha mais querida, a que ficara em casa. A filha difícil, pródiga. A filha espelho. Quando papai morreu, as duas se enclausuraram no apartamento. Viviam como loucas, uma brigando com a outra. Também por isso minhas irmãs sumiam. Adentrar aquele apartamento era também enlouquecer um pouquinho, como entrar num outro universo cujas regras fossem invertidas: alto é baixo, cima é lado e agressão é amor.

“Mas, me conta, meu filho, o José, como está?”

Mamãe gostava de José. Tinha sido professora, e o achava inteligente, culto. Antes do Alzheimer, os dois conversavam por horas. Tenho a impressão, aliás, que José gostava de mamãe, o que era raro – normalmente ele não gostava de ninguém. Pensando

agora, também gostava de meu pai, embora os dois fossem tão diferentes. Papai era um português da zona cerealista, comerciante. Tinha uma inteligência prática. Não entendia de literatura ou do “cânone ocidental”, mas conversavam sobre música, cinema, até sobre futebol. Papai era torcedor do São Paulo. José, vagamente corintiano. Por estranho que fosse, se davam bem.

Papai era baixinho, roliço. Sua circunferência parecia para mim, quando eu era criança, o tronco de uma imensa samaúma. Um português de caricatura, de bigodes vastos, muito negros. Para mim, maior que o mundo. Ao lado de José, tão esguio, pareciam saídos dos filmes de *O Gordo e o Magro*, clássicos em preto e branco que papai adorava e colecionava. Um pouco antes de morrer, pediu a José para cuidar das fitas VHS e dos DVDs, o que ele fez guardando com carinho junto aos livros que ele tanto amava. Para ele, dizíamos que éramos “colegas”. Mas o velho sabia. Apenas preferia dessa forma, para poder dizer aos amigos do botequim que seu filho dividia apartamento com um “colega”.

“Mas e como estão as coisas, meu filho? Como está o José?”

Quando eu era criança, papai me levava para passear de fusca. O carro vivia enguiçado, na garagem. Quando andava, íamos até a casa de um velho amigo de papai, no Bom Retiro. Depois comíamos sorvete ou algum doce judeu na Burikita. Às vezes, parávamos no boteco onde ele passou a juventude e eu ficava assistindo ele beber uma cerveja e conversar com o seu Baruj, o dono, enquanto bebericava uma Guaraná de garrafinha. Essa é minha lembrança de meu pai. O fusca, o cheiro de gasolina, o Guaraná de

garrafinha, chegar da escola e abraçar ele, me sujando de graxa, para desespero de mamãe.

“E me conta, meu filho. O José está bem?”

“José está bem, sim. Está em LXXX, num simpósio sobre aquele autor dele, lá”, respondi. Mamãe sorriu, confusa. Depois, pegou as minhas mãos com suas, delicadas, de pele fininha, manchada e perguntou mais uma vez.

LXXX, Teixeira, a crise das águas, José. Tudo para ela era névoa, devaneio, desvario. Por um instante, tive inveja. Às vezes, queria trazer ela de volta. Puxar ela de alguma forma para este mundo. Mas, naquele momento, desejava apenas que me visitasse, me encontrasse no meio do caminho, ou quem sabe, me exilar com ela em outro lugar, ficar catatônico. Como seria seu mundo? Talvez fosse o mundo de sua infância em Porto Alegre, da família de vizinhos judeus cujo filho fora seu primeiro amor. Talvez fosse o mundo do casamento, do velho português que a fez tão feliz.

Ou talvez fosse um mundo só dela, particular. Um mundo no limiar entre este e outro, sem limitações, mas também sem lembranças, onde essas coisas são apenas isso, ecos de um outro tempo. Que tipo de habitantes um mundo desses têm?

“E o José, anda bem? Dando aulas, ainda?”



3.

Aquele nome. De todos os nomes. De todas as possibilidades fonéticas, uniões aleatórias de sons, ela tinha justamente aquele nome. “Professor, creio que o senhor não respondeu a minha pergunta”, ela disse. Achei-a infinitamente deselegante, o nariz arrogante no pequeno rosto. Parecia resoluto em falar-me, e eu estava apenas cansado.

Com tantos anos de docência, era fácil reconhecer uma *groupie* de professor. Não me pareceu, no entanto, haver nada sexual naquilo. A moça era uma típica CDF – como se dizia na minha época – gente que se satisfaz na esgrima verbal, no debate mental, na fruição intelectual. No máximo, há uma relação platônica, de mestre e discípulo. Eu mesmo fora assim. Também Josué. No entanto, àquela altura, num estacionamento gelado, úmido pela garoa, com a chave do carro na mão, molhando-me cada vez mais com a chuva persistente, queria apenas voltar ao hotel, tomar um longo banho quente, e dormir.

“Estudo o trabalho de Teixeira e descobri algo novo, um aspecto sobre a obra.”

“Jovem”, falei de forma doce, para desarmá-la. “Passam das nove da noite. Está garoando e eu estou com frio. Mande-me um e-mail marque uma hora para podermos conversar...”

Ela torceu o nariz numa careta. “O senhor não precisa ser condescende... Escute, eu já tentei mandar um monte de e-mail. Você mora em São Paulo, eu aqui. Por acaso, estamos no mesmo

lugar. Não podemos resolver isso logo?”

O impasse aumentava. Com ele o frio. A água começou a escorrer pelo pouco cabelo que restava. Pensei, “ora, por que não?” Afinal, ela não era feia e eu ainda não tinha jantado. Não custava convidá-la. Fingi olhar o relógio, para acentuar um impasse, mas, por fim, concordei, abrindo a porta do carro e convidando-a a entrar.

Ela me indicou o caminho. Paramos numa padaria próxima ao meu hotel. O lugar era um daqueles pequenos templos da classe média, banhados por ofuscantes luzes fosforescentes e cheirando a pães de fermentação natural e bolos de várias camadas. As atendentes, vestidas em bonitos uniformes brancos, impecáveis, sorriam. Nos sentamos. Àquela altura, pouca gente comia. Numa mesa próxima, uns adolescentes tomavam uma Original. Pedi o cardápio e, olhando pelas fotos, decidi por um beirute de quinze recheios e uma Coca-Cola. Gosto desses exageros culinários. Quando estou em São Paulo, Josué mantém-me numa estrita dieta orgânica, mas aqui poderia me empanturrar. Ela pediu apenas um chá. A comida chegou, e desliguei por alguns minutos enquanto destrinchava o gorduroso sanduíche. Enquanto eu comia, ela começou a contar sobre sua relação com Teixeira, falou que tinha ficado fascinada pelas pinturas do autor na adolescência e que por isso fora ler *Do Tempo Viajante*.

Teixeira era, de fato, melhor reconhecido como artista plástico. Suas pinturas, colagens e aquarelas não têm paralelo, não entre artistas brasileiros – são uma conjunção entre Warhol e Bosch, de de uma sensibilidade sutil e técnica feroz. Não há uma cor fora de

lugar, uma personagem que destoe nas complexas construções, nas telas enormes. Impossível descrever. Seria como tentar explicar o salgado, o doce, o quente ou o frio. Os originais são ainda mais impressionantes. Ao observá-las, é difícil conciliar o fato de que o autor tivesse graves problemas mentais.

Ao ler *Do Tempo Viajante*, ela me contou, começou a notar estranhas coincidências na obra. Falou-me sobre como os livros relatavam acontecimentos que, na época, ainda não tinham ocorrido. Disse-me que tinha uma teoria, que tudo aquilo poderia parecer estranho, talvez até sinistro, mas que estava resoluta na sua convicção. Em sua fala, demonstrou profundo conhecimento sobre Teixeira. Fatos, personagens obscuros, capítulos pouco estudados.

“Você deve estar familiarizado com os acontecimentos do capítulo 19, volume 43?”

“Sim”, menti. Fiquei impressionado que ela mencionasse justo aquele. A menina sabia realmente sobre o que falava. “Pois bem, você não acha minimamente curioso?”

Começou então a enumerar várias coincidências históricas. Falou da queda do Muro de Berlim aos atentados de 11 de setembro – estes, acontecidos anos depois da morte de Teixeira. Sabia tudo sobre a biografia do autor, aliás. Datas, dados, questões pouco conhecidas e quase anedóticas. Era bela. Enquanto falava, percebi que era bela. Falava com segurança, com naturalidade. Conversava como se fossemos amigos há anos. Evitava os ranços acadêmicos – tão comuns neste tipo de interação – e simplesmente conversava. Nesse despojo, tornava-a ainda mais bela.

“Você pode por favor prestar atenção?”

Percebera-me hipnotizado. Nada mais perigoso. Agora, termine-me nas mãos.

“Desculpe-me.”

“Há um problema na temporalidade, na *sua temporalidade*.”

“Como assim?”

“A ordem do livro está errada.”

“Impossível.”

Ela sorriu, enigmática. Seu sorriso tinha essa característica. Não era apenas alegre, ou triste, ou irônico, mas sempre múltiplo, perplexo dilema. “O tempo está errado, pois não há tempo.” Ela pegou então uns guardanapos e tentou exemplificar. “Em línguas como o português, que são lidas da esquerda para a direita, os falantes caracterizam o tempo como correndo nesse mesmo sentido, enquanto no árabe, que é lido ao contrário, os falantes observam a passagem da direita para a esquerda. A perspectiva temporal, portanto, depende da visão do falante. Você concorda?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Imagine que esses guardanapos são camadas da história. Se eu colocar um outro guardanapo sobre esse, teremos três camadas, e assim por diante. Apesar de só conseguirmos ver a camada mais superior, as outras continuam existindo.”

“O.K., compreendo seu conceito, mas não entendo aonde você quer chegar.”

“Sua organização está errada porque não há cronologia. O tempo em *Do Tempo* é múltiplo pois são múltiplas linhas *literalmente* umas sobre as outras.”

Ri com o canto da boca. Depois expliquei-lhe que, embora a teoria fosse interessante, não fazia sentido. “É verdade que dias, nomes e lugares se sobrepõem de maneiras às vezes paradoxais e que muitos personagens são compostos de pastiches de múltiplos outros, mas a linha é bastante clara. Aliás, é quase irritantemente clara.”

Quando foi encontrado, *Do Tempo Viajante* estava dividido em diversos cadernos, além de uma série de folhas almaço, algumas reunidas em encadernações toscas, outras largadas, avulsas. Desses “capítulos”, como se convencionou chamá-los, a maioria estava numerado, mas outros não mostravam, no início, qualquer sequência lógica, e nem pareciam ter um lugar específico dentro do épico. Além desse material “principal”, estavam entulhados pelo pequeno apartamento centenas de outros papéis, livretos, papelotes, recortes, embalagens, caixas de papelão – basicamente, qualquer material no qual o autor pusesse as mãos e pudesse escrever. Resmas e resmas de texto, que chamamos de “apócrifos”. À organização desse material, dediquei boa parte do meu mestrado e todo o meu doutorado. É o trabalho da minha vida.

Se nas artes plásticas Teixeira é uma mistura entre Bosch e Warhol, na literatura ele é uma junção entre Balzac e Tolstói, com pitadas de Homero. Assim, a edição definitiva de *Do Tempo Viajante* foi publicada com 95 volumes. O grosso da narrativa está

contido entre os livros 40 a 49. Nos demais, há uma intrincada construção de mundo. Volumes inteiros são dedicados a longas listas: de soldados, de exércitos, de alimentos disponíveis em uma determinada época, de tipos de carros, de sistemas políticos. Listas e listas, num imenso *códex*, enciclopédia de um universo paralelo, leitura às vezes tediosa, como no infame “catálogo das naus” de *A Ilíada* – foi essa, aliás, a comparação que fiz no prefácio da edição de colecionador. Personagens mínimos, terciários, têm suas genealogias esmiuçadas pelo menos em três gerações – descrições profundas, com vontades, desejos, pequenos acontecimentos cotidianos que vão muito além do Abraão gerou Isaque, que gerou Jacó, que gerou Judá e seus irmãos. Às personagens principais, Teixeira dedica narrativas inteiras. A história da família do general Anton ocupa mais de mil páginas – não é de se espantar que o livro não tenha feito sucesso comercial. Aliás, encontrar outro ser humano que o tivesse lido era uma tarefa hercúlea. Duvido que aquela moça o tivesse feito. Ninguém conhecia Teixeira melhor do que eu. É *impossível*.

“Conheço o livro, conheço-o profundamente, participei da organização e, dada a quantidade descomunal de informação que Teixeira nos legou, qualquer outra cronologia é um disparate.”

Ela revirou os olhos. “É evidente que você diz isso. Está tão abraçado a uma ideia que seria capaz de morrer por ela.”

Neste momento, tive de interceder.

“Acho que você está subestimando meu trabalho. Digo, sem sombra de modéstia, que *ninguém* conhece o trabalho de Teixeira tão

bem quanto eu. O li inteiro. Mais de uma vez. De fato, sei pedaços completos da obra de cabeça.”

Ela gargalhou alto. Na mesa ao lado, a única ocupada àquela hora, dois senhores olharam para nós com cara feia. “É muita pretensão sua dizer isso sendo que, no máximo, você tocou a superfície. Perceba. A complexidade de Teixeira vai muito além de sua extensão, de sua escolha lexical, de sua técnica ou temática. A obra de Teixeira é tudo isso, mas também não é nada. Ela é o *todo* e o *nada*. O fim e o começo. O alfa e o omega, mas também o contrário de tudo isso. Você deve estar achando que sou louca, mas...” neste instante, ela pegou meu copo de Coca-Cola já meio vazio e falou. “Imagine que este copo é a percepção humana. Ela é transparente e o líquido escuro é a linguagem.”

Antes que eu pudesse terminar, ela deu uma grande golada no restinho da Coca-Cola e, fazendo uma careta, continuou. “Teixeira está *além da linguagem*. Veja, o copo parece vazio, mas está cheio de *outra coisa*. Isto é Teixeira.”

Neste instante, uma garçonete passou por nossa mesa perguntando se gostaríamos de mais alguma coisa. Dei uma rápida olhada no relógio. Passava das 11h, mas o gosto gorduroso daquele beirute me dera vontade de algo adstringente. “Você se importa se eu pedir uma cerveja?” Ana fez que não com a cabeça. Para ela, aquela pergunta fazia tanto sentido quanto perguntar a uma árvore por que os peixes nadam contra a corrente – que lhe importava o que eu bebia ou não? Pedi então uma cerveja forte. A garçonete sorriu e foi lá dentro buscar.

“Ouça”, falei para Ana, que me observava atenta por trás dos grossos óculos. “Concordo contigo sobre a complexidade de Teixeira. Mas não consigo entender o que você está querendo dizer especificamente.”

Ela suspirou. Era bela, tinha mãos bonitas. As unhas não estavam pintadas, mas seus dedos alongados eram de uma delicadeza ímpar, como se desenhados. “É simples”, ela finalmente falou, “Há algo muito maior que Teixeira *por trás* de Teixeira. Você vê, nos comedores de raiz, há uma chave. Sei que parece absurdo, e talvez você ache que eu estou louca, mas, pelo que sei do senhor, posso garantir que também sentiu algo parecido quando começou a lê-lo. Você pode chamar isso de intuição. Alguns chamam de loucura. Sim, é um tipo muito particular de loucura. Mas, até onde eu sei, Teixeira não era considerado *são*.”

Comedores de raiz? Aquelas palavras tocaram algum ponto obscuro de minha mente, mas não consegui captar exatamente qual.

“Teixeira *era* louco. Foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide nos meses finais de sua vida... Quanto a mim”

“A loucura é um ponto de vista”, ela interrompeu. Seu chá esfriara há muito, mas ela continuava dando bicadas nervosas na bebida, como se quisesse pontuar algo para mim e para o mundo. “Para nós, Teixeira era louco. Mas a realidade é que nossa visão é limitada e a dele era múltipla, infinita. Teixeira via muito além do que podemos, porque via este mundo a partir de outro, do mundo particular onde vivia. Ver o que só ele viu o levou a uma vida solitária, perturbada. Mas o que ele via era apenas *diferente*. É um



erro de paralaxe, mas ninguém julga as tamarutacas por verem infinitas cores.”

Nessa altura, a garçonete veio com minha cerveja, e pude ruminar minhas palavras “É uma visão romântica, mas creio que seja só isso, romântica, despida de realidade. Teixeira era um gênio, mas era um louco. Uma coisa não anula a outra. Tampouco a amplifica. Existe uma miríade de gênios neurotípicos, e milhares, milhões de loucos sem nenhum talento.”

“Nunca imaginei que, de todas as pessoas, *você* seria tão refratário. Você, que dedicou a vida a um autor lunático. Por que acha que isso aconteceu? Nunca se perguntou? Agora há pouco, na palestra, você falou sobre uma ‘ordem mais secreta’, uma ‘ordem incomunicável’. Eram apenas figuras de retórica?”

“Você está propondo que o que Teixeira via o que ele escreveu, a guerra, o reino de Ebleskive, que tudo isso *realmente* existiu? Se é isso o que você está propondo, me perdoe dizer, mas é um completo absurdo.”

Ela mordeu os lábios de leve. Era bela. Estupidamente bela. Há quanto tempo eu não me sentia atraído por uma mulher? Desde Anna, talvez. Sim. Embora tenham existido outras muitas mulheres antes de Josué, em todo esse tempo eu desejara apenas Anna. As outras, tinha por inércia, porque era aquilo que sabia fazer. “Ter” mulheres. Comê-las. Fodê-las. Penetrá-las. Invadi-las em seus recônditos mais profundos, em seus lugares mais misteriosos, e sujá-las, como um menino arteiro que, com o ferro do compasso, risca sobre o tampo da carteira. “Eu estive aqui.” Por muito tempo aquilo

me foi tão natural quanto respirar ou cagar. Fazia porque podia, porque as mulheres me queriam. Mas, desejo? Senti por Anna. Talvez apenas por Anna.

“Há alguns meses, seria absurdo considerar que o mar virou sertão. Antes disso, seria absurdo crer que o homem fosse capaz de dividir o átomo, ou que chegaríamos à Lua. Tudo é absolutamente absurdo até que aconteça.”

Pedi a conta. A garçonete não demorou a trazê-la. Olhei o relógio. Passava da meia-noite. Aquele dia já tinha se estendido para muito além do que eu imaginava, mas não me sentia cansado. A lassidão do corpo e a estafa da viagem tinham desaparecido, e surgia em mim uma certa centelha de animação. Sentia-me como se pudesse ficar acordado por horas, por toda a madrugada, que se me deitasse, o corpo retesado impedir-me-ia de dormir. Sentia-me jovem, invencível. A beleza de Ana me fustigara, me abrira uma porta, ou qualquer coisa que andava trancada. Também havia o prazer da discussão intelectual, o esgrimar argumentativo, o esgrimar apenas pelo esgrimar, para gastar saliva ou preparar a boca para outras trocas. Palavras. Aquilo me excitava.

“O que acha de tomarmos uma cerveja?”, perguntei, imiscuindo em minhas palavras todo um mundo de segundas intenções. Ela olhou-me como quem olha uma barata, um ser que precisasse ser amassado, esmigalhado, e depois varrido para a rua com o pé. Aquele olhar de nojo fez-me consciente do meu ridículo. Era um homem velho, careca, barrigudo, fedendo a cerveja e gordura. Contornei-me e continuei: “Com este jantar tão lauto, não

sei se conseguirei dormir agora.”

Agora, olhava-me como quem olha um animal ferido. Teve pena, com certeza. Fingiu observar qualquer coisa na tela do celular. “Uns amigos estão num bar aqui próximo. Não é nada demais, mas se o senhor quiser me acompanhar.”

Como um cachorro, respondi abanando o rabo. “Sim! Claro! Esse tipo de bar universitário, você sabe, sempre foi o meu favorito. Gosto do falatório, da algazarra, do cheiro de fumaça de cigarro... Gosto disso, muito boêmio, muito Joyce.”

No caminho até o tal bar, Ana contou-me um pouco sobre sua vida. Tinha nascido em LXXX, onde também estudara. Seu pai era um professor de inglês e sua mãe uma dona de casa. O casal vivia aos arranca-rabos, principalmente porque o pai estava sempre atrás de rabos de saia. O casamento, no entanto, terminara porque “um dia minha mãe pagou com a mesma moeda, e fez o que nenhuma mulher do interior pode fazer...”

Achei curioso que se abrisse daquela forma. Senti-me numa excursão ao universo Ana, onde cada esquina guardava um caso, uma coisa engraçada – o que ela julgava engraçada. “Naquele bar eu tomei meu primeiro porre” ou “meu irmão estudou ali, mas quando nasci, meus pais já não podiam pagar, e eu tive de estudar num colégio público.” Concluí que me falava porque não tinha mais ninguém para contar.

Não era preciso conhecer a cidade para perceber que estávamos retornando à direção da universidade. Quando chegamos,

o bar estava vazio. O lugar não era, realmente, “nada demais”. Era, na verdade, era uma pocilga, a fórmica descolando do balcão e as paredes quase querendo cair de tão infiltradas. Pedi uma cerveja de marca, o garçom grunhiu. Só serviam local. A bebida veio quente e tinha gosto de mijo.

Mas Ana era bela. Só isso importava.

“Não quero que você se ofenda, e não foi essa a minha intenção. Acho que seu trabalho de organização é bom. Bom o suficiente. Bom o possível, dadas as circunstâncias. Mas Teixeira não pode ser organizado dessa forma...”

Pedi mais uma cerveja. Como sois acontecer às cervejas ruins, seu gosto melhorou substancialmente na segunda garrafa, e na terceira já descia refrescante como um néctar. De súbito, me senti como Ulisses na ilha de Calipso. Era bela e seus olhos aprisionavam-me. Que pena aqueles óculos. Senti que se os tirasse, se pudesse vê-los, *realmente* vê-los, me perderia para sempre em sua profundidade.

“... os comedores de raiz são figuras que merecem atenção. São os olhos, repare na questão dos olhos, o que reforça a paralaxe...”

Neste instante entraram no bar uns rapazes vestindo camisas de futebol. Um deles trazia a camisa do Corinthians. Outro, de um time local. Falavam alto. Estranhei que estivessem ali naquele horário. Talvez fossem criminosos. Gilmar; Homero e Olavo; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luizinho e Balthazar; não sei quem e Mário. Quem? Gilmar; Homero e Alan; Idário, Goiano e Roberto;

Cláudio, Luizinho e Balthazar; não sei quem e Mário... Não sei quem e Mário. Gilmar; Homero e Alan... Carbone e Mário! Os rapazes compraram uma cerveja e saíram. Pedi mais uma rodada.

Minha bexiga começara a coçar.

“Já recebi essa crítica”, disse a Ana, depois de limpar com o punho do casaco meu bigode de cerveja. “E eu entendo que, quando encontramos um manuscrito, que foi terminado, digo, não foi terminado... Qualquer organização... Eu entendo a crítica, quero dizer. É um jogo de achismos... Veja... *O Processo*, por exemplo. Você acha que... Que o amigo de Kafka deveria simplesmente... Que ele deveria ter posto fogo em tudo...? Que deveria ter simplesmente desistido do livro?” Respirei fundo. Sempre falava desse livro para o Josué. Saudades do Josué. O que estaria fazendo naquela madrugada? Quando expliquei para ele pela primeira vez o que fazia, dei o exemplo d’*O Processo*. “Esse é aquele livro, um monólogo, no qual ele vai preso e começa a falar sobre a mãe na Argélia?” Ah, Josué! Era lindo como conseguia, mesmo de uma forma torta, ser insuportavelmente inteligente.

“Não é isso”, ela me interrompeu. “Já te disse, tentar colocar Teixeira em ordem cronológica é tão fútil quanto contar estrelas, ou tentar organizar por tamanho os grãos de areia de uma praia. Pense nos comedores de raiz. Qualquer ordem está *certa* mas também está *errada*. O tempo é relativo. Ele pode vir ou ir ou simplesmente inexistir. Não existe tempo, ao mesmo tempo em que ele permeia toda obra.”

Àquela altura, eu já estava bêbado, e minha bexiga

resmungava. “A obra de Teixeira é sobre a desconstrução. Desconstrução, dessensibilização, desmaterialização. Destempo. Sim, talvez nenhum termo explique-a melhor do que *destempo*. Não há temporalidade real. O tempo é uma ficção, ou melhor, cada capítulo tem uma temporalidade própria.” Gostaria apenas que se calasse. Quieta, era pitoresca. Podia estar em qualquer museu, com seus lábios de beijos. Mas falando, me dava dor de cabeça. Senti-me culpado por compará-la à Anna. Não era digna sequer de seu nome. Depois, tive raiva. Por onde estaria? À beira do Tejo, com certeza, comendo bacalhau com natas. Ou talvez, àquela hora, acordando em seu belo apartamento na Estrela, preparando torradas para o marido. Desculpei-me e me levantei para mijar. No banheiro, fiquei impressionado com a quantidade e a petulância das baratas, que mal se dignaram a se esconder quando acendi a luz. Mijei num jato só toda a cerveja que tinha tomado. Não havia pia onde lavar as mãos.

Quando voltei, Ana estava entretida com o celular. Sentei-me e sorri. “Para entender Teixeira, para *realmente* entender Teixeira, é preciso lê-lo sem cometer esse erro de paralaxe. O ponto de vista *importa*.” Aquilo começara a me irritar. Com seus óculos e sua posturinha de intelectual, os cabelos presos e as roupas de freira. Parecia gritar: “me note pelo que penso!” Ah! Tão bela, tão estúpida. Tenho certeza de que se achava genial... Mas não são todas as mulheres assim? “A literatura de Teixeira funciona porque não é literatura, é desliteratura. Você compreende?”

Nesse momento, ela fez menção de continuar, mas parou. Talvez tenha percebido a idiotice de seu argumento. Ou talvez tenha

desistido de conversar com um bêbado. Saul e eu, quando começávamos, não parávamos. “Garrafa cheia eu não quero ver sobrar”, inimigos da lógica, da sintaxe e da prosódia. Quantas vezes não acordei no dia seguinte destroçado? Ele, depois que teve sua filha – isso já deve fazer, o quê?, uns dez anos? Sim, a Thaís está para fazer dez anos – começou a beber menos. Eu ainda tive minhas noites, mas não há nada mais depressivo que um bêbado sozinho no bar, figura clássica de todo o botequim. O bêbado amigo dos garçons, colega da rapaziada. Comecei a me envergonhar dessa personagem, a ponto de me esconder dela indo a bares cada vez mais distantes. Até que, um dia, parei. Não porque não gostasse, mas apenas porque beber se tornara um outro trabalho, outra responsabilidade. Às vezes, no entanto, esse “eu” reaparecia.

Ah, mesmo se ela resolvesse me levar para casa, naquela altura, jamais conseguiria sustentar uma ereção. Minha cabeça estava um pouco zonza. Ana perguntou se eu gostaria de pedir a conta. Acenei que sim.

Acordei sozinho no quarto de hotel. O relógio mostrava 12h24.

5.

Triste admitir, mas meu humor melhorava quando José não estava. Mal-humorado, pavio curto e reclamão. Sempre reclamando! É impressionante como gostava de reclamar. “Isso não está bom”, “o país não está bom”, “nada está bom”. Não ter ele por perto significava paz, tomar meu café sossegado, ouvir música, respirar. Seguir *o meu ritmo*. Podia me flexionar diante da TV. Fazer yôga. Tomar um *cappuccino* ou um *macchiato*. Conversar com as plantas. Ser eu, sem me preocupar em parecer ridículo, ou infantil.

José tem um senso de superioridade que só pode ser descrito como irritante. Sobre os livros que leu, sobre os textos que escreveu, sobre si e os outros. “Não se ensina ninguém a escrever. Não é matemática, como um teorema, uma equação. Algo que você pode decorar e aplicar.” Chato, chato. Mas também adorável. Um cara de bom coração, ou, pelo menos, que comigo sempre teve bom coração. Um cara fiel... Quer dizer. Sei muito bem que no princípio ele comeu ou deu para metade de São Paulo. Mas há outros tipos de fidelidade. Como diz o Saul: “José é daquelas amizades que não se explicam. Você teve muita sorte em conhecê-lo, apesar dele ser um chato.” Como pode ser tão chato?

Naquela manhã, acordei cedinho e fiz uma torrada de ovos e abacate. Enquanto cozinhava, botei para tocar a cena final de *Götterdämmerung* com a condução de George Solti. Na cafeteria italiana, botei meu melhor café, um que comprei direto de uma amiga, do interior de Minas Gerais, e que pedi torrado e moído ao meu gosto. Mas nada daquilo me animou. Troquei Wagner por



Kanye West, fritei cubinhos de bacon, fiz uma espuma de leite na minha cremeira da Bialetti. Mas continuei desanimado.

Acho que acordei assim, irritado, por ter lido No *The New York Times* sobre uma expedição composta por dois norte-americanos, um alemão e um britânico que tentavam ser os primeiros a atravessar a pé o Atlântico. Um exercício de futilidade. Liguei a televisão. O jornal matraqueava sobre a nova corrida do ouro em jazidas no fundo do oceano A crise se perpetuava. Na Baía de Tóquio, um experimento para solucionar a questão: milhares de caminhões-pipa despejavam água sobre o solo seco, mas ela evaporava imediatamente, sem quase tocar o chão, como se a terra tivesse se tornado hidrófoba. Os cientistas japoneses, sérios, sisudos, balançavam a cabeça, consternados. “A água é um dos elementos mais importantes do universo”, dizia a tradução simultânea. “Ainda não sabemos como será viver num planeta onde boa parte da água desapareceu.”

Noutros canais. Deutsche Welle, “milhões de alemães tentam o último banho de mar no sul da Itália”; BBC, “rainha emite nota de preocupação”; RAI, “crise atrapalha produção de mariscos na costa Amalfitana”. Na CNN, a maior preocupação era econômica. Conforme o mar secava, fechavam-se mais e mais as rotas marítimas, essenciais ao comércio entre países. Eram assustadoras as imagens de imensos navios encalhados em dunas no que antes fora o oceano Pacífico enquanto o G7 planejava para o final do mês uma reunião de emergência em Genebra para discutir a questão. Enquanto isso, a China discutia planos de um projeto bilionário de ferrovia

entre a Ásia e os Estados Unidos, cortando caminho pelo estreito de Bering.

A televisão me deprimia. Me levantei, desliguei o televisor, e decidi fazer algo, qualquer coisa, que me tirasse da cabeça aquela situação. O dia parecia horrível lá fora, um céu cinzento, repleto de nuvens pintadas no firmamento. Ainda assim, o melhor a fazer era dar uma caminhada pelo bairro, respirar um pouco de ar, me distrair. Me vesti. Na portaria, Raimundo parecia entediado. Brinquei com ele sobre o seu novo corte de cabelo – tinha rapado as laterais de maneira tosca, deixando um tufo sobre o cocuruto que lembrava uma escovinha. Ele apenas grunhiu um “mn”, o que poderia significar quase qualquer coisa. Raimundo era alcoólatra. Quando saía do expediente, às 14h, ia direto para a esquina e bebia quase até às 19h, aí finalmente ia para casa. Devia gastar todo o seu salário naquele boteco. É impressionante que conseguisse estar a postos todos os dias às 6h da manhã.

Tive mais sorte com Beth, a vizinha sessentona que vivia sozinha no 43. Conversamos por uma meia hora sobre plantas, adubo natural, chorume de minhocas e outras receitas infalíveis. Durante a conversa, pude ouvir os sinos da igreja Nossa Senhora do Paraíso badalarem. José dizia que aquela igreja, fundada por imigrantes árabes, dera origem à rua do Paraíso e que essa, por sua vez dera origem ao bairro que, por fim, nomeara a estação de Metrô. Eu não tinha certeza, mas pensar que a história de um bairro de São Paulo, um bairro daquela cidade imensa, fosse tão parecido com o da cidadezinha dos meus avós no interior, me fazia graça, e eu não

conseguia deixar de sorrir.

“Viu passarinho verde, seu Josué?”, Beth perguntou. Solteirona, cabelo curto, meio baixinha, ela trabalhou por anos como professora na rede pública municipal. Antes disso, seu pai fora funcionário da Telesp. Essa estabilidade permitira aos dois comprar o confortável apartamento onde agora ela vivia sozinha. Para mitigar a solidão, ficava boa parte do tempo no térreo, cuidando das plantas, conversando com o porteiro e com os demais moradores. “...É tiro e queda, você mistura um pouco de óleo, água, sabonete líquido e borra de café. Deixa curtindo por uma noite e depois passa nas plantinhas. É tiro e queda, tiro e queda...”

Me despedi. Na rua, a vida seguia, ainda que o mar recuasse. Curioso ver o atropelo, a “azáfama”, como diria José, em sua predileção por palavras pedregosas. Virei em direção a avenida 23 de Maio. Fazia tanto tempo que não dava uma volta pelo bairro, percebi tudo mudado. Próximo ao hospital, muitos edifícios em reforma. Um velho sobrado, que durante anos fora um bar de samba, tinha sido substituído por um feio caixote. Em frente a ele, uma loja de produtos naturais ostentava orgulhosa uma faixa de “estamos abertos”, enquanto ao seu lado uma outra estava em reformas, prestes a abrir. Naquele ponto da rua, o único imóvel que permanecia inabalável era uma barbearia antiquíssima, de paredes revestidas em azulejo branco e decoradas com velhos retratos de paisagens italianas – Roma, Veneza e Pisa. Parecia um cenário de filme *kitsch*. Sempre me perguntei como aquilo continuava funcionando.

Seria ‘ostentava orgulhoso’ um pleonasmo vicioso?

O pensamento me veio enquanto caminhava diante do hostel. Pode parecer banal, mas às vezes me admirava morar tão perto de hotéis e hostels, como se minha rotina fosse compartilhada, em diferentes momentos, por uma série de estrangeiros, ingleses, franceses, americanos, gente exótica, de costumes alheios, mas que inevitavelmente voltavam para suas terras levando lembranças de uma vida que eu já vivi. Ali em frente, um flanelinha observava melancólico os transeuntes. Era figura antiga. Quando comecei a namorar José, fiquei amigo do homem – Almir? Jamil? –, que sempre cuidava do meu carro. Então, era velhinho, tinha uma netinha chamada Carol. Agora, estava entrevado, preso numa cadeira de rodas. Mesmo incapaz de guardar os carros, as pessoas o ajudavam com algum trocado, e ele parecia feliz em parecer útil.

Sorri, mas ele não me reconheceu.

Embaixo do hostel, próximo de onde o guarda-carros estava, num lugar onde antes havia uma loja de lãs, tecidos e outros itens de costura, fora aberta uma lavanderia por quilo, dessas de filme americano – com certeza destinada aos futuros moradores de novo empreendimento imobiliário, um prédio de *studio apartments* que estava em construção ali em frente. Entrei na lavanderia, não porque tivesse algo para fazer, mas porque o lugar me intrigava. Conversei com o dono, um homem de uns 40 anos e uma cara totalmente desinteressante. Animado com o novo negócio, me explicou o processo, os preços, e me entregou um cartão com seu nome. “Traz uma muda de roupa na próxima!” ele repetiu umas quatro vezes,

antes de me deixar ir.

Passando pelo boteco, tive um choque de realidade. A televisão, ligada no jornal, falava sobre os efeitos da crise das águas no litoral paulista, e uma mulher de uns 40 anos, muito gorda, a pele machucada pelo sol, se dizia desesperada. “Trabalho a vida inteira com isso, se não tivermos turistas, como vai fazer?” Apertei o passo. Parei numa doceria para tomar um café. Era uma loja antiga, de uma velha turca de cabelos tingidos e a cara alongada como a de um cavalo. Para além dos doces árabes, o lugar vendia umas bombas de chocolate. Pedi duas e um café, que tomei com vagaroso prazer. Sentado do lado de fora, podia acompanhar o vai e vem das pessoas. Uma senhora de uns 50 anos, muito arrumada, passou na direção do hospital. Na altura do peito, levava o adesivo de “visitante”. Tinha vindo encontrar alguém e provavelmente parara para almoçar. Indo para o outro lado, correndinho em roupas de academia, um jovem rapaz mascava chiclete. Tinha a pele mulata, bonita. Fiz assim com a cabeça, para que ele me notasse, mas não sei se deu certo. Impossível saber com seus óculos escuros.

Suspirei e pensei em mandar uma mensagem para Cauê. Olhei para o lado. Na imagem refletida pela lataria de um carro, vi um belo rapaz, o cabelo bem cortado e cuidado, as roupas impecáveis, os óculos escuros combinando e emoldurando o rosto. Dei um sorriso. Por um instante, um ínfimo, a vida pareceu feliz. Então me veio o estalo.

“Eu deveria escrever um livro.”

Claro, aquela era uma conclusão óbvia. Antes de conhecer

José, eu era fascinado por literatura, tanto que me inscrevi em sua optativa. Mas sua presença, sempre tão arrogante, me fizera perder o interesse. José tratava a literatura como um apêndice de sua alma, um negócio disforme, irritadiço, mal-humorado, pedante. José ria dos livros que eu lia. Fazia troça. “Isso são livrinhos de criança.” A literatura era *seu* brinquedo. Por isso, fazia questão de torná-la difícil, árdua. Um amor duro, cansativo. Como o dele.

Por isso essa obsessão com o tal Teixeira. Somente um autor ilegível poderia representar sua relação impossível. Amor no ódio. Estava sempre com um calhamaço, deglutindo-o como uma jiboia ao sol. Para mim, literatura era liberdade, conhecer outros mundos, outras coisas. “Eu deveria escrever um livro”, disse em voz alta, e o vento mexeu de leve com os meus cabelos.

5.

“Se formos falar sobre ordem temporal segundo Genette, é preciso falar primeiro sobre o que significa a ordem temporal dentro de uma narrativa. Você, por exemplo. Isso, você. Você acordou hoje, imagino que tenha comido algo, tomado seu café, certo? Depois, veio para a aula. No caminho, levou dez, quinze, vinte minutos. O que você fez nesse meio tempo? Pois imagine uma narrativa em que consta o seguinte: ‘Fulaninho acordou e tomou seu café. Ele tinha dormido mal na noite anterior. Ele acordou. Foi ao banheiro. Fez xixi...’ É isso que chamamos de uma narrativa isocrônica, ou seja, uma narrativa com duração idêntica àquela da história relatada, ficou claro?”

Os sete alunos presentes, incluindo o Fulaninho, observaram-me com profundo desinteresse. “Como chamamos o contrário da isocronia?”

Silêncio. São 9h43. Entendo que, àquela hora da manhã, ninguém queira ouvir sobre Gérard Genette, que um estudante de 20 e poucos anos queira mais beber, foder, tomar ácido ou qualquer outra coisa a ficar numa sala de aula. Entendo que este mundo lhes parece já maduro, cheio de possibilidades, uma fruta no pé pronta para ser surrupiada e até compreendo uma possível preocupação com a crise das águas, à qual os cientistas ainda não têm uma resposta. Mas então por que se inscreveram nesta eletiva, diacho?

“Senhores, como chamamos o contrário de uma isocronia? Vocês leram o texto que eu passei para essa aula?”

Silêncio absoluto, quebrado apenas pelos sons abafados que vazavam das demais salas de aula. “Anisocronia. O inverso de isocronia é a anisocronia. Pois bem, se a isocronia é uma atenção especial ao tempo, de modo que o ‘tempo’ narrativo se desenrola junto ao tempo da história, anisocronia é o ‘dias depois’, o ‘meses depois’. Perceba que muita coisa pode ter acontecido neste período, mas isso não interessa ao narrador. Peguemos Machado, por exemplo, principalmente em sua trilogia realista. Vemos claramente a anisocronia. Bentinho começa a história como velho, e reconta-a, o que, aliás, também é tratado no texto que passei para vocês. Mas reparem como ele ‘corta’ pedaços, ‘junta’ outros, constrói um mosaico temporal. É uma narrativa anisocrônica. Um exemplo contrário é Joyce, e Virginia Woolf. Peguemos *Mr. Dalloway*, tudo aquilo, a festa, as flores, tudo acontece num dia. Vocês compreendem?”

Os alunos acenaram com a cabeça, mas sei que não compreendiam. Na verdade, sequer se importavam. Não tinham interesse em compreender, estavam interessados em créditos, não em conteúdo. O que fazer?

“Teixeira, por exemplo, é um autor profundamente isocrônico. Não apenas os dias da guerra entre Unniyappam e Neyyappam são narradas em profusão, nos mínimos detalhes,, mas por diversos narradores.”

Vejo olhos rolarem, irônicos. “Aquele professor maluco, do romance que ninguém leu.” Pouco me importa. Já que estão aqui, terão de me aturar. Começo a falar sobre *Do Tempo Viajante*. Conto



a eles especificamente sobre o episódio do jaquetão do general Anton. Nele, Teixeira narra de diversas perspectivas a confecção da nova farda ao general, sua beleza, o brilho dourado dos botões, os arabescos das dragonas...São sete capítulos dedicados a uma farda. Comparo esse episódio ao do escudo de Aquiles, na *Ilíada*. “Lá como cá, a farda é uma *écfrase* ‘...são dezenove os botões da jaqueta do general Anton, em cada um, o escudo de uma das grandes cidades de Ebleskive...’ Vocês se lembram o que é *écfrase*?”

Nenhuma resposta. Perco as estribeiras. “Olha, eu entendo que esteja calor, que seja cedo, mas vocês precisam se dedicar mais a esta aula. A aula é tão boa quanto a soma de suas partes. Se vocês não participam, não leem os textos, a aula fica capenga, fica mambembe, fica manca, entenderam?”

Mais uma vez os alunos acenam que sim. Desisto. Faltam dez minutos para o final do período. “Bom, vocês estão liberados. O texto da próxima aula é o capítulo três de *Palimpsestos*, do Genette. *Por favor, leiam.*”

Vou para o café ali embaixo, perto do espaço estudantil, e peço um salgado e um suco. A televisão, ligada no mudo, mostra cenas do grande deserto de sal que se tornou o mar mediterrâneo. Ali, na beira da Itália, centenas de milhares de refugiados atravessam a pé para a Europa. Ouço de orelhada dois professores conversarem sobre o assunto. Dizem-se preocupados. Um deles, pelo que eu escutei, estava para fazer um sanduíche em Pisa. “...agora acho que devem fechar as fronteiras...” Claro. A preocupação nunca é com os milhões de desgraçados, com a seca, com a fome, mas sempre com o

próprio umbigo.

Olho desatento para a televisão. Um jornalista fala, mudo, segurando seu microfone. Atrás dele, uma imagem indecifrável. Poderia ser o sertão nordestino, mas, dado o estado das coisas, poderia ser também o meio do atlântico. Por um instante, fico curioso para saber sobre o que se trata, mas logo a curiosidade passa.

O salgado estava gordurento e o suco agüado. Sinto uma leve azia. Não sei porque ainda insisto. No salgado, na vida. Tudo me parece difuso. O que raios eu estou fazendo? Por que estou dando essas aulas soporíferas para alunos xexelentos? Por que não estou escrevendo meu livro? Eu estava perdendo tempo. Mas como era gostoso! As aulas, a universidade, a vidinha que eu levava com Josué. Tudo era uma deliciosa desculpa para não fazer nada. Afinal, por que eu escrevia? Para quê? Para quem? Para ninguém. Penso em Teixeira. Ele também escreveu para ninguém. Por obra do acaso, foi descoberto. Fosse outro a encontrar seu apartamento, alguém com menos sensibilidade artística, e *Do Tempo Viajante* teria ido para o lixo. Penso em Anna. A talentosa Anna. A grande escritora, laureada e galardoada. Há quantos anos não nos víamos? Uns cinco ou seis. Sim, por aí. Nos encontramos por último nesta mesma lanchonete. Ela estava no Brasil para o lançamento de seu último livro e veio dar uma palestra na USP. Ao me ver, ficou lívida. Parecia ter visto uma assombração. Não falou comigo, claro.

Saio em direção ao ponto de ônibus. Lá fora, o céu nublado parece baixo, como se quisesse desabar. Acho que não me importaria. Que caísse a chuva do século, ou mesmo que o céu caísse

literalmente sobre mim e botasse um fim neste mundo. Acho que já estou de saco cheio.

6.

A imagem das cataratas invertidas não me sai da cabeça. Não só no Amazonas, também no Prata, no Nilo, no Danúbio e no Mississípi. Em tudo o que dá para o mar. Milhares de cachoeiras de fumaça ao redor do mundo. O medo dos ambientalistas é que, passada a crise inicial, enfrentemos uma segunda, mais grave, quando os rios, findas as águas de suas nascentes, também sequem. Aquilo me dava calafrios.

Boto água para esquentar. Faço um chá, uns ovos mexidos, torradas. Como sem pressa, com gostosa preguiça, enquanto vejo os *stories* do Instagram. No Twitter, as notícias. Um famoso diretor de cinema especula sobre a crise. Falando de sua perspectiva de artista nordestino, comenta sobre a música *Sobradinho*. Está com um filme em cartaz. Dizem que é muito bom. Talvez vá ver mais tarde. Sozinho. Duvido que José se aventure. Tem ojeriza ao cinema nacional, “...essa roda de intelectuais desconectados da realidade, dando uns tapinhas nas costas dos outros...” Mas José tem ojeriza a quase tudo que não seja José.

Vou ao banheiro. Com o restinho da água quente, faço a barba. Espelho e espuma. Com delicadeza, com o auxílio de um pincel, espalho a espuma. Sem me afobar, vou passando a lâmina. Nunca fui capaz de crescer uma barba cheia, vistosa. Por sorte, tenho um queixo bonito. Vou passando a lâmina devagar pelas saliências e reentrâncias do rosto. É um belo rosto, de fato. Másculo. Um rosto de homem, de homão. Me seco e passo um pós-barba. E pensar que este meu pequeno luxo, o chá, o barbear, pode acabar. Depois, uma

morte lenta e seca.

Hoje me parece um bom dia. Visto uma camisa de linho branco, meu terno azul e boto os óculos escuros. Antes de sair, dou uma última olhada no espelho. Um bom dia. Estou bonito. No caminho para o metrô, passo pelo homem que vende livros. Eles ficam expostos numa banquinha ao longo do viaduto Santa Generosa. Quando tenho tempo, paro para olhar e às vezes conversar com ele. São centenas de títulos, de todas as qualidades e procedências. Alguns velhos, amarelados, outros quase novos. Há romances de banca de jornal, livros de autoajuda e católicos, mas também grandes romances clássicos em edições antigas de capa dura. O homem era meio louco da cabeça, seu raciocínio não tinha linearidade. Falava de literatura, de repente começava a digredir sobre sua infância pobre no interior do Ceará, sobre o seu cavalo Faísca, sobre os irmãos que morreram de fome, sobre o frio que sentira quando chegou a São Paulo, e daí passava para a vez que foi preso com maconha e levou eletrochoque no antigo DOI-Codi, que “...hoje eu já estou velho, desci até o Ibirapuera para fumar uma ponta, fiquei na maior neurose, depois subi e estou sentido a panturrilha até agora...” Naquele dia, perguntou se eu poderia lhe pagar um café. Dei a ele uns trocados. Em troca, ele me entregou um livrinho bem sujo, *O Melhor de Fernando Pessoa*. Depois me sorriu, me chamou de “bicho”, e foi em direção à padaria, deixando ao relento sua coleção de livros mofados.

Desço as escadas rolantes. Passo pela roleta e vou me lembrando do começo de meu namoro com José. Numa noite, depois

de transarmos, me declamou Fernando Pessoa. Há uns tempos, comprei uns produtos de uma exportadora chinesa. Um fone de ouvido novo, *wireless*, uma omeleteira elétrica, umas meias de peixinho. Imagino que não vão mais chegar. Como cruzar os sete mares, quando não há mais nenhum. Mundo, mundo, vasto mundo. Um mundo sem banho de mar. Sem Iemanjá, sete ondinhas, nem Nossa Senhora dos Navegantes.

A estação paraíso é decorada com poemas. São uns três, se não me engano, de Afonso Guimarães, Camões, outros grandes poetas, mas nenhum de Pessoa. Me lembro de José. “Ó, mar salgado, quanto do teu sal, são lágrimas de Portugal?” Agora, não sobrou nenhuma lágrima.

7.

Talvez seja preciso um pouco de loucura. Sento-me diante do computador e vejo apenas uma tela em branco. Paro para um café. Abro a cafeteira, encho o compartimento de água até a marca indicada e coloco duas medidas de pó. Levo a chaleira ao fogo. O procedimento leva uns cinco minutos. Volto. A tela segue em branco. Lavo a louça de ontem, a água gelada corta a pele das minhas mãos. Aproveito para lavar a xícara, a cafeteira, e fazer outro café. A tela continua em branco. É hora do almoço, vou até a padaria aqui ao lado e peço um comercial. Na televisão, os gols da última rodada. Como com calma, assistindo à imagem muda. Ao meu lado, um jovem casal almoça calado, seu bebê entretido por um *tablet*. Subo de volta ao apartamento. A tela está em branco. A tela continua em branco.

O dia começara tão mal... Logo pela manhã, me irritei com Josué. Estava procurando o volume que eu precisava de *Do Tempo Viajante* – aquele com o capítulo 29, dos comedores de raiz. Tenho todos os 95, claro, e todos estão organizados no mesmo lugar, mas não encontrei por nada, nem mesmo depois de revirar a casa, de procurei em todos os cantos, de fazer promessas para são Longuinho. Enquanto isso, Josué ficou zanzando pela casa com cara de bobo e os ouvidos metidos em alguma de suas idiotices. O pior é que essa falta só me aguçava a curiosidade. Mais tarde, ou talvez amanhã, procure pelo volume na biblioteca da universidade.

Talvez seja preciso um método. Teixeira não tinha amigos e nem recebia visitas. Saía pouquíssimo, apenas até o mercado ali

perto. Não há relato de que tenha viajado, ou mesmo que soubesse pegar o metrô. Não tinha para onde ir. Sua vida exterior era minúscula, limitada. No máximo, era visto catando lixo na rua, papéis avulsos, cadernos, jornal, livros velhos e mofados – papéis onde escreveria boa parte de *Do Tempo Viajante*.

Mas dentro de sua cabeça, um mundo. Os mesmos vizinhos que o viam catar papel, o ouviam falar, chorar, conversar, tudo na solidão de sua quitinete, como se o pequeno cômodo abrigasse uma multidão, como se os milhares de habitantes do reino de Ebleskive tomassem vida durante a madrugada, suas vozes escapando pelas basculantes do apartamento. Quando morreu e seu universo foi finalmente exposto ao mundo exterior, impressionaram as paredes ricamente decoradas com uma série de pinturas, riquíssimas ilustrações de uma flora e uma fauna inventadas, como se aquele apartamentinho fosse, de fato, um País das Maravilhas, onde as regras normais da civilização não se aplicassem.

Observo a página em branco. Todo escritor tem centenas, talvez milhares de textos ruins dentro de si. A única maneira de se livrar deles é escrevendo. Quantos mais eu ainda tenho? Teixeira era faxineiro na Santa Casa de Misericórdia. Trabalhou na instituição dos 17 aos 53 anos, até se aposentar. Depois, morou por outros trinta num apartamento perto da instituição, numa ruazinha entre o hospital e o Minhocão. Da janela, podia vez os carros passando. Trinta anos dedicados à literatura. “In my craft or sullen art.”

Cabe ao bom poeta evoluir sua língua. Hoje, mal consigo evoluir um parágrafo. “Naquela manhã, acordou e tomou um café.”



Talvez me falte a loucura. “O café desceu por sua garganta queimando levemente o esôfago.” Talvez me falte uma vida exterior. “Aquietando-se no fundo do estômago como um gato amargo.” Talvez me falte talento. “Era negro, forte e oleoso.” Talvez me falem muitas páginas. “Dentro de mim, transformou-se.” Talvez me falte *uma* voz. “Naquela manhã acordei e fiz café da manhã.” A quem isso importa?

“Mr. Leopold Bloom ate with relish the inner organs of beasts and fowls.” Aos meus alunos, ensino que, mais importante que um bom começo, só um excelente final. “Um texto deve começar bem e terminar ótimo, como a primeira e a última transa com uma mulher”, eu lhes dizia. “E se primeira for a última, ainda mais importante que seja sensacional.”

Bando de moleques, gente sem talento, sem nenhuma experiência de vida, sem criatividade. Moleques de classe média. Um desperdício, sem ter sobre o que escrever, acham que basta despejar sobre a página suas rotinas patéticas. “Naquela manhã, acordou e tomou café.”

A exceção foi ela. Tinha 14 anos e, claro, não passava de uma criança. Mas tinha uma fagulha, uma centelha qualquer. Uma voz. Eu tinha... 24? Meu Deus, vão fazer 20 anos. Mesmo tão jovem, Anna escrevia com uma graça e uma leveza incomuns. Tinha *talento*. Suas redações eram de uma estranha maturidade. Em qualquer momento do texto poderia ter entre 15 e 50 anos. Misturava palavras que lia em romances de adulto com as gírias da sua época. Um primor.

Naquele tempo, eu e Saul éramos sócios numa pequena escola, um cursinho pré-vestibular onde também dávamos oficinas de texto, inglês e reforço para crianças e adolescentes. Éramos “prostitutas do saber”, como ele dizia. Apesar da sociedade, era Saul quem organizava todo o operacional da escola, numa dinâmica muito própria da nossa amizade. Ele tem uma dessas cabeças matemáticas, binárias, e se me dizia o que eu precisava fazer tal coisa, era impossível argumentar. Impossível conversar com um homem munido de planilhas.

Fui tutor de Anna por quatro anos até que um dia ela me roubou um beijo. Confesso que não esperava. Estávamos em classe e ela me roubou um beijo. Para mim, ainda era uma criança, a mesma menina a quem eu ensinara as diferenças entre objeto direto e indireto, entre adjunto adverbial e adnominal. Então ela me beijou, e percebi que tinha crescido. Começamos a namorar pouco depois. Escondidos, é lógico. Na época, eu ainda estava casado com Juliana, minha primeira mulher. Foi uma grande chateação.

Nessa altura, minha desorganização financeira me levava a perder boa parte da escola, passara de sócio a sócio minoritário. Quando contei a Saul sobre Anna, ele não levantou a voz, nem se irritou. Apenas abriu uma de suas gavetas – a maior, mais em baixo, que normalmente ficava trancada com chave – e pegou uma garrafa de *Black & White*. Naquela tarde, conversamos por horas, como os velhos amigos que éramos. Nos lembramos da época do colégio, dos colegas que não víamos há muito e dos outros que tinham se perdido pelo caminho. No fim, ele me abraçou e disse que não poderíamos

mais ser sócios. Eu concordei. Saulo pegou então uma caneta e anotou um número num papel. Tinha acabado de comprar minha parte. Com o dinheiro, pedi Anna em casamento.

“Na manhã seguinte, acordei e fui tomar um café. A bebida desceu queimando minha garganta e machucou de leve meu esôfago. Quando finalmente aquietou-se, parecia um gato amargo no fundo do meu estômago. Negro, forte, ruidoso, ronronante. Dentro de mim, transformou-se.” Agora são 16h56 e isso foi tudo o que eu consegui escrever. Leio, releio. Sublinho os brilharecos para construir sobre eles. Daqui a pouco, Josué entrará pela porta.

Naquele ano, despedi-me de Saulo, de minha primeira esposa, da escola e da cidade para ir viver com Anna no interior. Na minha cabeça, aquela era a oportunidade perfeita para terminar o meu romance. Afinal, fomos para a terra de *Macunaíma*. Mas logo as coisas começaram a azedaram. Ver Anna, a minha primavera! Anna, desbravar-se enchia-me de ciúme. O ambiente universitário, as festas, os professores. Em poucos meses, ela mudara o equivalente a anos. Não a reconhecia, e ao mesmo tempo, perdia-me em seu reflexo. Isso me assustava. Demorei a perceber que me apaixonara não por ela, mas pela aluna que ela fora, pela pequena porção de mim que nela havia. Ao tentar domá-la, perdia-a. Brigávamos como loucos, nos batíamos, arranhávamos, cuspiamos. Ela me chamava de “fracassado”. Eu a xingava de “puta”. Por estranho que fosse, isso nos excitava. Transávamos por horas, amor no ódio, um ciclo insuportável.

“O café aquietou-se no meu estômago como um gato amargo.

Doeu-me, machucou-me. Ao espreguiçar-se, ao afiar suas pequeninas unhas, adagas de queratina, nas paredes de minha alma, gato gardunho, feriu-me eriçando sua pelaça. Gato preto, negro, forte, ruidoso, deitou-se no assoalho de minha alma. Agora, ronrona. Dentro de mim, transforma-se.”

Pelaça?

Um dia, Anna contou-me que tinha outro. Era um de seus professores de literatura, um homem *bem* mais velho que ela, mais velho que eu, aliás. Pediu-me, então, que saísse de casa – eram os pais dela, médicos ricos do hospital Sírio-Libanês, que pagavam nosso aluguel. Morri pela primeira vez naquele dia, naquela sala. Senti-me como se deixasse o corpo, como se aquilo não acontecesse comigo, como se eu observasse na terceira pessoa, num sonho ou peça de teatro. Mas não argumentei. Arrumei minhas coisas, coloquei tudo no carro e voltei para São Paulo.

“Os pelos eriçados pelo cheiro, um cheiro que domina todo o quarto. As mãos. Os pequenos pés. Os lábios cerrados. O nariz estúpido. Os olhos finitos de lágrimas. Beijo-os. Lambo-os. Lambo-te o sal da cara, do colo, a mina de sal de entre as pernas. Provo-te como um menino experimenta um doce novo, um cheiro novo, de planta, de peixe e de sal. Lambo-te, e um leve amargor me vem à boca, me desce o esôfago. Como gata irritada, machuca-me, pune-me com suas pequeninas adagas. Por fim, ronrona no assoalho de minha alma. Dentro de mim, transforma-se.”

Nos anos seguintes, Anna e eu voltamos e terminamos diversas vezes. Nesses períodos, ela nunca deixou de ver *o outro*.

Logo, aquela virou uma figura em nosso relacionamento. Era um fato da vida, como o amanhecer ou morte. Havia *o outro* – e, céus, por vezes eu fui *o outro*. Por fim, Anna conheceu um jovem escritor, mais ou menos da sua idade, – embora chamá-lo de escritor fosse uma hipérbole, o rapaz escrevia umas coisinhas. Bonito, de barbas longas e olhos claros.

Nos tornamos um quatrilha.

“Os pequenos pés e as pequenas mãos. A pequena boca que me beija, que me come antropofágica. Sou deglutido e mastigado por seus dentes bons. Torno-me saliva para os seus beijos amargos.” Lembro-me dos pés de Anna. Tinha pés bonitos, bem cuidados. As unhas sempre pintadas. Eu gostava que ela me esfregasse os pés na cara enquanto fodíamos.

Anna acabou por escrever um livro. Chamou-o *Sobre o Tempo* – um título bem ruinzinho, aliás – e logo se transformou na *enfant terrible* da literatura nacional. Bela, inteligente, politicamente correta e incrivelmente talentosa, sua presença nas rodas literárias tornou-se ubíqua. Por um tempo, foi como se a vida de Anna se tornasse maior que a minha. Era impossível olhar para o lado e não vê-la sorrindo, dando um autógrafo, falando sobre Olavo Bilac ou Prost. Não havia coletânea, resenha ou coluna de jornal para a qual ela não fosse chamada

Mais ou menos na mesma época, estava escrevendo *Montanha-russa*, meu romance e minha danação. Anna me sabotou o quanto pode. Reclamava sempre que eu lhe mostrava os originais, não tinha paciência para lê-los, só de pensar nisso, meu sangue

borbulha. Lia com desinteresse, dizia que eu devia revisá-los, que estavam mal escritos. Sabotou a mim, justo a *mim*, a quem ela devia *tudo*. Quantas vezes não li os seus escritos juvenis, seus poemas, seus versinhos, sua prosa chata, pedante. Quanto tempo não passei exercitando-a, ajustando cada falta, cada lapso, apresentado-a a autores, indicando-lhe o caminho.

Sem sua ajuda, foi difícil botar *Montanha-russa* em pé. Era como se todo o agente literário, todo o editor ou crítico estivesse envenenado. Mas, se era meu destino escrever, por que não conseguia? Sofri como um louco, e numa dessas, quase me mato. O caso levou-me direto para uma temporada num “retiro espiritual” – pago por Saul, bom amigo, que muito se preocupou com a minha saúde e minha sanidade mental.

Quando voltei, Anna não estava mais em casa. Deixou um bilhete de despedida, disse que precisava de um tempo. Da última vez que conversamos, ela apareceu no café estupidamente bonita. Tinha cortado os cabelos curtinhos, o que destacava suas orelhas pequenas, belas, de onde balançavam duas grandes argolas douradas. Ao me ver, sorriu sem graça. Sentou-se. Disse-me que não poderíamos ficar mais juntos. Que me amava ainda, e que seríamos sempre bons amigos, mas que ela precisava partir para poder ver em perspectiva o tempo que passamos, o que aprendeu e também o que ensinou.

Que piada! O que ela me ensinou? Nada! Ensinou-me, talvez, a odiar, a produzir bile. Sempre que a via na *Quatro Cinco Um* eu tinha vontade de espancar o jornaleiro.

Anna acabou se casando com o jovem escritor, aquele que escrevia umas coisinhas. Viraram *o casal 20* da literatura nacional. Foram a todos os programas de TV, deram palestras, o diabo. Juntos, se mudarem para Portugal, onde residem até hoje. Lá, tornaram-se *ainda mais famosos*. Quando perguntavam a ele o que achava do sucesso da esposa, o canalha dava um sorriso babão e dizia que “todo o Percy precisa de sua Mary Shelley. Lá como cá, minha esposa é mais talentosa”. Pausa para os risos animados e aplausos esfuziantes da plateia.

Aquilo me doía. Durante muito tempo, achei que *eu* e Anna seríamos como Percy e Mary Shelley. O que mais me irritava é que *Sobre o Tempo* era um pastiche tosco, rudimentar, de *Do Tempo Viajante*, livro que Anna só conhecera *porque eu a apresentei*. Ambas as obras tratavam de mundos paralelos e realidades alternativas, ambas trazem narrativas sobre o tempo dilatado e a experiência de morte, destruição e ressurreição. Mas, embora alguns críticos tenham notado a semelhança – o que considerarei uma pequena e pírrica vitória –, todos foram quase unânimes em declarar a superioridade de Anna sobre Teixeira, de aclamar a vivacidade de sua narrativa, a solidez de suas construções, o refinamento de sua prosa. *Sobre o Tempo* era claramente uma obra superior, mais bem construída e acabada.

A mim pareceu apenas derivativo. Não que a tivesse lido, pelo menos não inteiro. Li um pedaço aqui, outro ali. Era um livro chato, embora fosse, claro, bem escrito. Havia nela fagulha de Anna, aquela mesma semente que eu avistara na menina de 14 anos e que

eu, de alguma forma, regara e adubara, apenas para que da árvore frondosa fosse-me roubado o fruto. Mas pouco importa. Esteja onde ela estiver, eu construí Anna. Ela é, de certa forma, *minha obra-prima*.

Algum tempo depois de meu acidente, Samuel me emprestou o dinheiro com o qual publiquei *Montanha-russa*. O livro não fez tanto sucesso e, com certeza, não foi tão lido quanto *Sobre o Tempo*. Mas eu o defendo. É alta literatura, coisa de qualidade, não um livrinho de bolso, de aeroporto, comercial. É, claro, imaturo, mas como em *O Jogador*, a semente do grande autor está ali. Faltou quem a regasse. Mas é um belo livro, robusto. Às vezes ainda o folheio. Sei que, quando visto em perspectiva, será lembrado como o início de uma grande e uma importante jornada literária embora, infelizmente, não tenha me sobrado tempo para dedicar a essa jornada. Nos últimos anos, terminei meu mestrado e, durante a dissertação de doutorado, participei da organização definitiva de *Do Tempo Viajante*. Dediquei-me à academia. Sou feliz.

São 19h55. Ouço a porta abrir.

“Oi, amor! Conseguiu escrever hoje?”



8.

José tinha horários malucos. “Coisa de professor.” Às vezes, ficava o dia inteiro em casa “escrevendo”. Noutras, saía cedinho e ficava fora até quase meia-noite. Eu já tinha me acostumado. Era até engraçado, ele, tão regrado, tão correto, tão cheio de “sims” e “nãos” e de “faça isso” e “não faça aquilo” vivia sem horário, numa desrotina. Eu, o fio desencapado da relação, trabalhava diuturnamente, das 8h30 às 16h30, como máquina, como queriam os nossos avós.

Eu estudava economia quando conheci José. Nada especial nisso, apenas que gostava de números, de matemática e sendo bicha e pobre, queria uma profissão que me garantisse um lugar de fala, uma posição social, para que parassem de me olhar de cima para baixo, como se eu fosse um verme, uma barata a ser esmagada. Logo de cara, arranjei um estágio num banco de investimento agrícola. Ali, sem qualquer amor pelo que fazia, galguei posições e fiz minha vida. Hoje, posso dizer que sou bem-sucedido.

Naquela manhã, José estava particularmente irritado. Andava de um lado para o outro praguejando. Tinha perdido não sei que coisa. Me disse várias vezes que daquele jeito não dava, que a casa estava uma bagunça, que ele precisava de paz para escrever. “Eu sei que a culpa não é sua, mas...” Preferi ignorar a começar uma briga.

Na cozinha, preparei meu café ouvindo nos fones um podcast sobre cinema enquanto mentalmente organizava a minha agenda para o dia. “...o mais interessante sobre *Top Gun* é que o filme resgata algo que se perdeu na sociedade contemporânea, e que talvez

já estivesse perdido naquele momento dos anos 1980, que é o amor não-erótico entre dois homens. A masculinidade é sempre cobrada por sua virilidade e dentro desse espaço construído sobra muito pouco lugar para demonstrações reais de afeto...” Precisava pagar algumas contas, o que era fácil no aplicativo do celular, depois tinha de resolver pendências no trabalho e me preparar para uma reunião às 13h o que provavelmente duraria até quase o fim do dia. Um dia relativamente tranquilo, não fosse pela ansiedade de José.

“Eu realmente preciso encontrar esse livro, não é possível! Você tem certeza de que não viu?” José era assim, acreditava piamente em sua organização – e, de fato, sua biblioteca era meticulosamente etiquetada e catalogada –, mas, muitas vezes, largava as coisas fora de lugar ou “esquecia-se” de guardá-las. Então, como uma formiga que perdeu o rastro, começava a andar em círculos, incapaz de se encontrar. Quando isso acontecia, claro, o culpado era sempre eu.

Lá pelas tantas, me levantei, paguei a conta e fui em direção do metrô. O dia estava nublado, parecendo querer chover. Peguei meu guarda-chuva e segui pela avenida Bernardino de Campos. No caminho, passei pelo homem que vendia livros. Naquele dia, me deu um curtinho, em excelentes condições, *O Duplo*, de Fiódor Dostoiévski. “Pode me dar dois reais por ele”, ele disse, antes me contar que “você sabe, têm algumas editoras que publicam o nome como ‘Fedor’ Dostoiévski, ou seja, claramente anticomunista.”

No metrô, folheei rapidamente o livro. Era uma edição bonita, que parecia bem traduzida, ou ao menos traduzida direto do

original russo, o que José me ensinou ser primordial para a qualidade do tomo. Pensei em dar a ele o livro de presente. Mas, pensando melhor, talvez achasse de mal gosto. Do jeito que o conheço, é capaz de se sentir provocado. Então, decidi guardá-lo. Leria, e quem sabe o que faria depois.

“...vou lhes dizer amigavelmente, senhores – disse o nosso herói depois de uma breve pausa, como se tivesse decidido (e tinha mesmo) revelar alguma coisa aos funcionários –, os senhores todos me conhecem, mas até agora só conheceram um lado meu...” Não sei porquê, mas me lembrei de *Anna Kariênina*. Quando namorávamos, José me deu o livro, que li até a metade, até me cansar daquelas histórias de russos do século 19. José adorava literatura russa. “A Rússia é nosso espelho”, dizia. “As mesmas marcas da servidão, o mesmo capitalismo tardio. A existência dúbia, limiar... Para onde a Rússia se virar, deve se virar o Brasil!”

Eu achei o romance enfadonho, também não conseguia ver toda essa semelhança – aliás, não podia imaginar duas existências mais díspares do que da Rússia e do Brasil. Precisávamos era de histórias sobre brasileiros do século 21, um Tolstói com cachaça. Enquanto o trem corria em direção a estação Consolação, decidi que meu livro seria assim, um *Anna Kariênina* tropical, mas melhor. Um compêndio de grandes personagens, um grande retrato da sociedade brasileira deste período. Sim. Mais do que isso, seria uma história de família. Me lembrei de minha mãe. Começaria contando sobre meu bisavô – que é nome de rua em Pelotas. Seu Ulysses, que como o grego, participou de uma odisseia, a nossa odisseia. Uma história de

migrações. De vovó no interior do Rio Grande, até São Paulo. De meu pai lá do Minho, para o Brasil. Uma epopeia brasileira, uma história brasileira. Daria a ele este nome, “Uma História Brasileira”, ou, melhor, em letras minúsculas, estilizado, “uma história brasileira.”

Capítulo I: “uma história portuguesa.” Afinal, toda história brasileira começa com uma bela história portuguesa. Uma epopeia de além e aquém-mar. Um épico. Tenho certeza que, se me dedicar, posso escrever num ano. Talvez menos. Será que Ulisses é grego ou latino? Depois preciso perguntar para José. Se bem que, se eu perguntar, terei de contar sobre meu projeto, e com certeza ele vai reagir mal.

Cheguei à Faria Lima animado. As nuvens, prenhes de chuva, pareciam formar um grande marquise sobre a cidade. De óculos escuros, olhei meu reflexo numa porta de vitrine. Até que não estava mal. Claro, não era mais tão jovem, mas continuava atraente. Poderia escrever um romance. Poderia fazer o que eu quisesse.

À tarde, fui almoçar num restaurante baratinho perto do escritório. A dona era uma mulher baiana, baixinha, caricata. Era curioso vê-la discutir com os funcionários. Xingava-os dos palavrões mais absurdos, sempre aos ouvidos atentos dos clientes. Tinha quem se escandalizasse. Eu achava engraçado. Almocei uma torta de queijo, tomate e manjerição e uma salada. Apesar de simples, a comida era deliciosa.

Será que eu quebrei o eixo de minha bicicleta? Talvez eu esteja mais gordinho do que gostaria. Preciso levá-la para um

conserto. Não queria gastar dinheiro com isso agora, mas o que eu posso fazer? É melhor arrumá-la logo do que deixar que o problema se agrave. Ou talvez não tenha acontecido nada de grave.

No restaurante apertado, um senhor bigodudo sentou-se na minha frente. “Com licença.” Usava roupas antigas, um paletó xadrezinho, gravata apertada, calças de sarja. Parecia saído de uma fotografia. Comia de um jeito bonito, educado, muito quietinho. Era hipnótico. Num instante, fui transportado para o Brasil do século 19. Pude ver meu avô, e o avô de meu avô. A grande casa de estância no sul do Rio Grande. As escadinhas de filhos. O mar. A lagoa dos Patos gigante, dona do horizonte, um navio adentrando pela barra do Cassino. “O menino Diogo Josué acabou crescendo em Arruda dos Vinhos, virou adolescente e depois homem. Voltou ao Brasil em 1846, um ano depois de celebrado o tratado de Poncho Verde, que fez de novo província o que um dia quisera ser país. Cá chegando, iniciou uma dinastia. Casou-se, virou capataz de estância, mas nunca perdeu o sotaque e as maneiras lusas. Também nunca perdeu a fascinação pelos mitos. Quando seu primeiro filho nasceu, não teve dúvidas. Deu início numa tradição familiar e nomeou-o como seu herói grego favorito: Ulisses, o ardiloso.”

Vi esses dias no jornal. A lagoa dos Patos secara assim como o Guaíba, enquanto o Jacuí virara umas já infames cataratas de ar, o que punha fim à centenária dúvida sobre a classificação geográfica do lago-rio-Guaíba.

Minha reunião da tarde foi inútil e improdutivo. Muita discussão, e pouca resolução. As pessoas têm uma tendência a se

apaixonarem pela própria voz. Quando isso acontece, não conseguem parar de falar, mesmo quando não estão dizendo nada. Credo. Estou parecendo o José. Será mesmo que as pessoas ficam mais parecidas quando convivem? Lá pelas três e meia, já tinha terminado as tarefas do dia. Poderia ir para casa, se quisesse. Mas simplesmente não tive desejo. Continuei no computador, adiantando algumas coisas para o dia seguinte. Quando também terminei isso, decidi começar a escrever.

A página em branco era, de fato, uma barreira. José vivia me falando isso. Era opressora, fria. Mas assim que coloquei sobre ela a primeira palavra, tudo jorrou numa torrente interminável. Era como abrir uma porta para outro mundo. De repente, a história de Diogo Josué, de seu Ulysses, de dona Julieta, de minha mãe, se materializaram como se estivessem sempre ali, escondidas por debaixo da tela, e eu precisasse apenas cavucar um pouco para que aparecessem. Quando deu quatro e meia, eu já tinha mais de dez páginas, mas sentia-me tão inspirado que não quis parar de escrever, e continuei enquanto o escritório se esvaziava, escrevendo até me esgotar totalmente, me sentir exausto, como se de mim espremessem cada gota, derramassem tudo o que estava contido e agora eu fosse apenas um frasco vazio.

O relógio aponta 18h56. No escritório, reinava uma escuridão quase absoluta, interrompida apenas pela luz metálica do monitor. Fiquei tão absorvido pelo processo, que não percebi o sol se pôr pelas grandes janelas e nem a noite chegar mansa, sem estrelas.

Antes de sair, reparei nas mensagens que tinham chegado no

celular. Eram três de Cauê, coisas bobinhas. Queria saber como eu estava, quando nós veríamos de novo, e também uma foto fofa de seu gato.

Apesar do avançado da hora – e eu raramente chegava em casa depois das 18h –, não tinha mensagem de José. Ele me ignorara totalmente.

9.

Ainda que fosse verão, o dia acordou nublado, frio, úmido, difícil de sair da cama. Depois, talvez fizesse sol. Desde o início da crise, o tempo em São Paulo se tornara ainda mais estranho e aleatório. Hoje frio, amanhã, quem sabe? Levantei-me. Sobre a cama, Josué ressonava leve. Fui até a cozinha fazer meu café e aproveitei para ligar a televisão. Assistia-a pouco, mas gostava de tê-la ligada, hábito que adquirira nos anos de vida solteira – aquecia-me a alma ter aquele zunido como companheiro. No jornal da manhã, um reboião sobre uma foto divulgada pela NASA. Nela, um planeta Terra branco, alienígena em sua falta cada vez maior de oceanos. Parecia algo saído de uma peça de ficção científica. Os jornalistas falavam preocupados. Com eles, um famoso cientista brasileiro que lecionava na Universidade de Duke. “É claro que essa crise é um efeito nefasto da ação humana sobre o clima.”

Josué dizia-me que eu estava anestesiado. Que minha relação indiferente à crise era uma forma de defesa. Talvez estivesse certo, mas me parecia um tanto quanto histérico. A vida limitada às voltas de um acontecimento, do imponderável, do incontrolável. Como sobreviver assim? Como viver com medo, como se o fim do mundo não estivesse à espreita sempre, num atropelo de ônibus, num acidente doméstico, num escorregão dentro do box. E lá vamos nós. Conosco, um mundo.

O fato é que, para quem chega à minha idade, questões como essa, enormes, parecem comezinhas, enquanto o que realmente importa é o específico. “Vou conseguir trabalhar amanhã?” “Devo



almoçar fora ou cozinhar?” “Como estará o meu colesterol?” “Terei ainda quantas ereções em mim?” Perguntei-me exatamente aquilo enquanto preparava o café. Talvez fossem várias. Talvez fossem apenas mais uma ou duas. Como aproveitá-las? Com 20 anos, o corpo é uma máquina. Aos 40, ele é uma máquina com 20 anos de uso. Nada funciona exatamente como deveria, e mesmo o café que tomara por todas as manhãs desde a adolescência – forte, preto, sem açúcar – fazia borbulhar em mim uma sensação azeda.

Esse pensamento me tomou por um instante, e então a cabeça foi tomada por uma densa fumaça de cigarro. Tinha parado há mais de cinco anos, mas, mesmo assim, aquele desejo desenfreado às vezes ressurgia. Talvez devesse voltar. Que me importa morrer agora ou em 30 anos? Talvez a tal “crise das águas” fosse uma dádiva, uma solução. Talvez mostrasse a este mundo o quão idiota ele era, o quão mesquinhas nossas necessidades.

Deixei o apartamento. Lá fora, garoava fininho, uma chuva chata. Raimundo me cumprimentou com um questionamento. “Será que hoje vai fazer sol?” Gostava de falar sobre o clima. Não deixa de ser um assunto. Na minha cabeça, outras questões. Ana plantara uma dúvida. Essa crescera, adquirira vontade própria. Dediquei tanto tempo a Teixeira, tanto trabalho, tantas noites insones lendo páginas e páginas de seu trabalho louco, tentando fazer sentido de suas divagações, de seus devaneios, de sua lógica ilógica num subir e descer de montanha-russa. Sim, uma montanha-russa. Não seria toda a literatura um exercício em inutilidade, como a grande ferrovia que nos leva do nada a algum lugar? Como em meu romance, pouco

importa o destino, o que importam são as emoções da viagem, as reviravoltas, as quedas bruscas.

Mas, diferente de uma montanha-russa, onde podemos antever os altos e baixos, na vida não sabemos o que nos espera. Em Teixeira, essas viradas são ainda mais sinuosas e inesperadas. Talvez por isso ele seja tão apaixonante. Dediquei-me a desvendar suas idiossincrasias como quem trabalha um código, um enigma. Por fim, encontrei a chave, ou ao menos uma chave. Agora, surge essa mocinha e tenta jogar todo o meu trabalho no lixo. Não durmo bem desde então. Como um câncer, essa dúvida precisava ser extirpada.

“Você é o primeiro passageiro que eu pego hoje, meu carro deu um problema, mandei consertar neste final de semana. Era para ser dois mil reais, mas como eu conheço ele já faz tempo, e como eu pago sempre em dinheiro, ficou por mil e oitocentos. Esse mecânico é o único que eu vou, é o único que mexe nesse carro aqui. Eu confio nele, e já falo: ‘você pode colocar só peça original.’ Peça original, com a nota, tudo certinho. É o que eu digo: carro é que nem mulher. Se você não cuidar direitinho, vem outro e vai cuidar pra você. É o que eu falo. O brasileiro gosta do ‘paralelo’. Chega o mecânico e diz ‘mil reais’, ele já fala ‘não tem paralelo?’ Mas carro é que nem mulher. Mulher, você pode até esquecer das mancadinhas que você deu, mas ela não esquece. Aí chega uma hora que ela diz ‘chega’. Daí que tem cara que quer matar, trucidar. Por quê? Porque ele esquece das mancadinhas que ele deu. Carro é igual. Você se pegar e abrir o capô desse carro aqui você vai ver que parece zero quilômetro. As peças tudo original, como nota. Eu sou assim, eu

digo: ‘eu quero a peça original, a nota fiscal.’ Se não é aquele barato que sai carro. Você tem que tratar tuas coisas com carinho, entende? Seja uma mulher, um carro ou um bem material. Você quer fazer uma reforma, botar um azuleijo, e aí o cara quer te cobrar dois mil reais. ‘Ah, mas está caro, vou no de mil e quinhentos.’ Mas o de dois mil faz direitinho, entende? Você pega, pode jogar uma bolinha de gude no chão que você vê que não tem desnível, que o azuleijo não está fofo, porque muito cara não sabe assentar. É o que eu digo. Meu chefe, na hora de arrumar o carro, ele quer sempre economizar. ‘Ah, não precisa trocar todos os filtros.’ Eu digo: ‘seu Flávio, depois vai dar problema.’ Esses dias fundiu um motor, e aí ficou 20 mil reais para consertar. Valeu a pena? Claro que não valeu. Você economiza hoje quinhentos reais, mais e aí? Na hora de vender o carro, não vale. Por isso que eu digo que é que nem mulher. Eu sou assim. Se você faz o certo comigo, eu faço o certo com você, seja com mulher, com amigo ou com filho. Minha filha, por exemplo. Eu falei pra ela ‘não casa, Pâmela’. Ela pegou e casou com um coroa da minha idade. E ainda me escondeu! Minha mulher que descobriu, que mulher tem mais senso sentido para essas coisas. Um dia eu ia viajar pra Bahia, o tio dela atendeu o telefone, e disse ‘a Pâmela está com o Siqueira’. E minha mulher: ‘mas quem é Siqueira?’ E ela só gravando, né? Depois veio me mostrar. Faz seis anos que eu não falo com ela. Esses dias ela veio me falar ‘mas pai, a minha faculdade tá trancada!’ ‘Uai! Pede pro Siqueira!’ Ele tem condições, é segurança do metrô, ainda trabalha como corretor de imóveis. Pra mim é assim, por que eu vou correr com o cara se ele não corre comigo?... O senhor sabe se é pra direita aqui?... Meu pai me ensinou assim. Meu

pai teve doze filhos, né? Que ele teve quatro mulheres. E eu fui o único que não apanhei do meu pai. Meu pai dizia ‘tem que ser homem’. Meu irmão uma vez tava pegando uma mulher casada, mas nossa senhora. Quanto eu não apanhei, ele apanhou. Minha madrasta dava banho de salmoura nele, que meu pai disse: ‘melhor apanhar de mim do que de algum corno.’ E olha que esse irmão era o filho favorito do meu pai. Na hora que ele morreu, meu pai nunca mais foi o mesmo. Andar de moto no nordeste, né? Não é que nem aqui. Veio uma carreta e pegou ele. O cara devia estar cheio de arrebite. Sei que foi meu pai que encontrou, diz que daqui pra baixo estava tudo perfeito, mas daqui pra cima tinha como se explodido. Meu pai nunca foi o mesmo. O moleque era gente fina. Na cidade dele lá, no vilarejo onde eles moram, diz que nunca se viu juntar tanta gente num enterro. É aqui a esquerda? Bom, obrigado, senhor. Bom dia pro senhor.”

Cheguei à biblioteca da Letras por volta das 9h. Apresentei minha carteirinha docente para uma bibliotecária desinteressada, cujo tédio era palpável. Entrei na biblioteca e subi imediatamente para o terceiro andar. Ali estão. Os 95 volumes. A obra completa de Teixeira, seus diários, *sketches*, as biografias das personagens e todo *Do Tempo Viajante*. Mas, claro, o volume 43 está ausente, emprestado. Não é possível! É uma conspiração.

Corro em direção a biblioteca Brasileira. Pouco antes de morrer, Teixeira foi internado no antigo Hospital Psiquiátrico da Vila Mariana, que naquela altura já era administrado pela irmandade da Santa Casa de Misericórdia, muito distante da crueldade do

“hospital dos loucos”, cujos gritos das janelas góticas, gradeadas, aterrorizavam as crianças do bairro até meados dos anos 1980. Eu sei, pois fui uma delas. Por um desses acasos, Teixeira veio morrer pertinho de minha antiga casa, na rua Fabrício Vampré.

Os diários desse período são de uma beleza ímpar, mistura dos delírios de uma mente perturbada com a observação meticulosa de entorno. O pátio interno, onde os filhos e netos dos pacientes brincavam nos dias de visita, o quarto, as janelas ogivais. “junho, 19 de 19 XX, Sol. O sol atravessa a janela e dança sobre minha cara. O quarto rescinde a lavanda e alfazema. Rescinde a guaraná, pau-cravo e urucum. Rescinde a café de bugre, canela amarela, fruta da condessa. Pintaram-no num verde pálido, um verde esquecido. Como eu, um verde florestal, que atrai os bichos. Uma pantera bela, muito negra, veio me visitar na noite passada. Tem os olhos amarelados e espertos como os de um gato. Ouço a música que advém do andar de baixo. Ou talvez ela venha debaixo de minha cama? Culpa dos pequeninos. A cama é de madeira firme, antiga. A cama veio debaixo da terra. Cresceu como árvore antes de se tornar cama. Os que comem raiz têm subido por aqui e ali. À noite, eles acariciam minha barba. Minha barba que não é mais minha barba. Tornou-se lã na noite passada. Hoje fez sol, mas não me deixam ver o homem do tempo ou ler o jornal.”

Às vezes, a singeleza desse cenário virava pano de fundo para a ficção, e Teixeira incorporava Anton para contar os dias finais do general, “preso” pelas tropas inimigas na batalha do Monte Gialo. “Triste, o grande general Anton deglutia sua papa de centeio e aveia

na fria e mal iluminada cela que lhe servia de sarcófago. Em sua mente, ainda ressonavam os morteiros, os tiros da batalha. Ah! Como gostaria de ter ficado ali, no campo de batalha, suas tripas espalhadas pelo solo úmido de sangue. ‘Não há mais desonra do que ser capturado com vida’, pensou ele, enquanto observava as cerejeiras florescerem pela exígua janela.” Os especialistas, eu incluso, acreditam que a tal cerejeira seja o ipê que até hoje assombreira o campo do pátio interno do hospício.

Teixeira morreu três meses depois de ser institucionalizado. É desse período uma de suas únicas fotos, aquela das ecobags. Nela, ele aparece ao lado de outros pacientes vestindo um casaco de tweed verde sobre o pijama azul-claro do hospital. Careca, os bigodes brancos, muito grandes e a barba por fazer. Tem o olhar vidrado de quem não pertence mais a este mundo. Sua última entrada diz: “dois de setembro, 19XX. Tempo firme. Comi mingau no café.”

Assim despediu-se o gênio.

“Bom dia, eu sou professor, faço parte do grupo de pesquisas de Antonio Teixeira.”

A atendente da Biblioteca Brasileira sorriu-me de forma protocolar e digitou qualquer coisa no seu computador. Tinha uma beleza vulgar, dessas que se encontram às vezes nas classes mais baixas. Atrás dela, no átrio do prédio, alunos dormiam gostosamente sobre os sofás de couro e bancos assinados por Jorge Zalszupin. “O senhor já tem cadastro?” Falei-lhe o meu RG, ela digitou-o no sistema e me entregou uma credencial. Passei pelo segurança, um homem negro, careca, sentado numa banqueta, de olhar vago focado

num ponto difuso, absoluto em seu desinteresse. Ele me observou como se não me olhasse. Pediu que deixasse minha pasta num dos guarda-volumes. Dela, pego apenas um lápis e uma caderneta. Desço para a parte do acervo que guardava a obra de Teixeira. A bibliotecária responsável, uma mulher baixinha, de cabelos curtos, encaracolados, e grandes óculos “fundo de garrafa”, me conhecia e sorriu ao me ver.

Quando Teixeira morreu, sua obra foi descoberta por Loïc de Andrada, síndico do prédio e velho artista plástico da capital que, por sorte do acaso ou dos deuses, percebeu o valor artístico daquela bagunça e preservou-a. De família quatrocentona, Andrada participara na juventude do movimento de 1922 e ganhara alguma prominência na velhice como crítico de arte. Foi dele a ideia de organizar a primeira exposição de Teixeira, *Nos reinos do irreal*, que causou um verdadeiro reboliço. Logo, as revistas e jornais noticiavam a descoberta de um “Van Gogh brasileiro” que “vivera no anonimato para ter sua obra valorada em milhares de dólares depois da morte”. Nisso, choveram “herdeiros de Teixeira”, homens e mulheres que se diziam filhos do autor.

Teixeira era sozinho. Não há relato, escrito ou falado, de que tenha tido qualquer tipo de relação íntima, que dirá sexual. De seus diários, e de seu relativo desconhecimento sobre a anatomia humana – em vários de seus quadros, mulheres aparecem com pênis – conclui-se que era virgem. Ainda assim, os pretendentes continuaram aparecendo. O imbróglio durou até o Estado brasileiro entrar com uma ação pelos direitos da obra. A batalha judicial levou

anos, e acabou sendo resolvida com a doação do acervo à Universidade de São Paulo. Hoje, os quadros pertencem ao Museu de Arte Contemporânea e os originais à Biblioteca Brasileira.

Vasculhar os manuscritos de Teixeira é tarefa árdua. Muitas vezes, os capítulos estão espalhados em dois ou três cadernos diferentes, num verdadeiro quebra-cabeça. Por sorte, o capítulo 29 do volume 43 estava relativamente concentrado em dois fragmentos. Botei-me a lê-los.



10.

“Fragmento I:

‘ capítulo 29

A alianza entre Anton Teixeira e os guerreiros comedores de raiz

Era o 20 do Duotillis, e a cidade de Santa Petropolis se enfeitava de bandeirolas coloridas. Preto, branco, azul, amarelo e vermelho. As cores do impeerio. Apesar da guerra -- distante entam da vida comum das pessoas, e relegada a longiinquos campos de batalha em kotttu, kukul e paripu –, havia alegria no ar, onde rescindia um cheiro de bolinhos fritos com pimenta. “que deliicia!”, pensou o general, num raro momento de descontração. “Como eu adoro o Smalahova.” Sim. Nam apenas os habitantes se preparaavam para a chegada da tribo dos comedores de raiz, como para o festival de smalahova, a principal festividade do paiis, quando todos relembraavam a morte e o sacrificio de Pantocrator com comida, muusica e festa. “vou dançar a falalalan quando esta reuniam acabar.”

“Extra! Extra! Os comedores de raiz estão na capital! Leia tudo!” O grito do rapaz de Gazeta da Tarde chamava atenção, muita gente parava para comprar o jornal. Afinal, a chegada da delegazam dos comedores de raiz era o assunto, o grande burburinho de alto a baixo. Muita gente torcia o nariz. Outros, tragados pelo exootico da coisa, mergulharam na cultura daquele estranho povo. Todos queriam saber mais sobre os homens pequeninos do povo comedor

de raiz, suas manzinhas pequenas e olhos roxos.

O general era pragmático. Para ele, os comedores de raiz eram uma gente simplória, bárbara. Selvagens. mas eram versados em artes ocultas. Curandeiros, feiticeiros, havia boatos de que tinham um controle sobrehumano sobre as águas. De fato, na guerra dos fazendeiros, tinham conseguido fazer secar o rio Donar, causando uma grave crise hídrica na capital. Talvez esses segredos pudessem ser úteis a Ebleskive. e por Ebleskive, tudo.

Anton continuou seu caminho, passou o rapazote do jornal, e chegou à praça principal bem na hora em que o relógio da prefeitura badalou o meio-dia. Era um bonito espetáculo. Talvez, se tivesse mais tempo, tivesse parado para apreciá-lo. Mas era preciso continuar o caminho. Atravessando a praça, finalmente chegou à ponte de Santo Estevam o Grande, que levava ao palácio de Potaki. A velha ponte, construída ainda no período dos Romanos, parecia caída do céu, com seus pilares de pedra fincados no leito do rio como as patas de um grande animal. Era comum que naquela época do ano os vendedores de comida armassem suas barracas nas duas extremidades da ponte, no que foi inevitável que o general Anton fosse intoxicado pelo delicioso cheiro dos bolinhos. Lembrou-se então de sua infância, quando o pai, um simples agricultor, economizava por todo o ano para poder levá-los, a ele e a mãe, à capital durante os festejos do Smalahova. O solado de madeira das botas do general farfalhavam sobre o calçamento de pedras da ponte de Santo Estevam o Grande quando uma lágrima rolou solitária por suas bochechas, molhando os fios grossos de seu bigode.

Diante do gradil dourado do palácio de Potaki, dois soldados faziam a guarda. Ao verem o general atravessar a ponte, colocaram-se imediatamente em posição de sentido. Para eles, era uma honra e um privilégio vê-lo, ainda que de passagem. O general cumprimentou-os de forma solene, e eles imediatamente deixaram-no passar pelo pátio externo até o interno, onde mais soldados se aglomeraram para admirá-lo. Sob aquele sol frio de Duotillis, O general Anton parecia maior que a vida: suas botas altas de couro negro, os calções militares vermelhos, frizados de dourado reluzente, o jaqueta branca imaculada, coroada por poderosas dragonas. Ao passar pelo pátio, eram dois sóis, um no alto firmamento e outro ali, mortal, caminhando entre nós, e não havia alma que não pensasse ao observá-lo, ainda mais às vésperas do festival, que aquele era Pantocrator renascido para trazer ao reino glória e vitória. Antes de entrar, o general observou a inscrição sobre o frontispício do palácio “AEIOU - asklen Ebleskivete Isten Orbitan Utan”, ou “todo este mundo pertence a Ebleskive”.

Ao entrar no aário, Anton foi recebido por Immanuel Kame, o velho camareiro real, que abraçou-o forte e beijou-o na face. “General, o rei e a princesa o aguardam!” Subiram então pela escadaria de mármore, também decorada em fitas coloridas em homenagem e glória do grande Pantocrator. “Como está o humor do rei?”, Anton perguntou candidamente. Kame suspirou. “Está bom, embora a cabeça não esteja. De qualquer forma, tenho certeza que sua alteza a princesa real saberá direcionar os assuntos desta reunião.” Kame conhecia a princesa Jasmin desde o berço, servindo-a desde a mais tenra idade, primeiro como amossecos, depois

como conselheiro. Era uma relação prooxima, de confidenncias – o que muitos silenciosamente desaprovavam. Homem culto, instruído nas filosofias do reino de kandar-arar, asceta e alquimista, Kame tinha forjado em Jasmin uma herdeira ao trono que levaria o reino de Ebleskive aos fabulares “milanos dourados” profetizados pelos pergaminhos. Jasmin, por sua vez, parecia pronta para assumir o reino, tarefa que cada vez mais se aproximava, dada a doença do pai. Eram os dois, aliaas, os maiores entusiastas daquela improvaavel alianza.

“Comedores de raiz e ebleskivianos na mesma sala”, o general pensou enquanto galgava os degraus em direzam ao segundo andar. “Nunca pensei que fosse viver esse dia.” Quando ainda era um soldado, lutara na guerra dos fazendeiros. Matara quantos deles? De quantos nam vira jorrar o sangue vermelho arroxeadado, de quantos nam vira o pavor nos olhos de boneca, que pareciam oliar mesmo quando as cabezas rolavam decapitadas. Por um instante, foi transportado de volta ao campo de batalia, seu lugar natural, e poode sentir o cheiro metaalico do sangue, glooria de Ebleskive.

Ao chegar aa sala do trono, o general se deparou com uma estranha cena. De um lado, o rei entrevado, sua cabeça quase morta pendendo de um ombro, os brazos curtos, travados, a saliva escorrendo do canto da boca. Do outro, um homem de pele alaranjada, a barba hirta, branca, decorada. Era baixo – muito menor que um homem normal. Talvez tivesse um metro e meio, se tanto. Mas era forte. Um animal feito de muusculo e veias entumecidas. Entre os dois, a princesa Jasmin. Numa voz quase inaudiivel, a

criatura falou.”

“Fragmento II

...o generau observou cuando o comedor de raiz levantou  
uma grande pedra redonda, liberando a aagua represada...”

10.

Sonhei que era José. Tinha os braços de José, suas mãos. O pênis de José. Sua circunferência e voz. Sonhei que era José e acordei num outro lugar. Não estava aqui, nem lá. Espaço limiar, lugar impossível. Não era nem deste, nem daquele mundo. Um deslugar. Antessala, e como tal decorada. Apenas um conjunto de corredores, entrecortados por mais corredores acarpetados, monótonos, em tons de bege e cinza claro. Sonhei que era José e me senti bloqueado, como um besouro cavucando a terra dura, labutando. Cavando e cavando, sem achar lugar, e o labirinto de salas iguais se expandindo em mais salas, e as outras salas sempre vazias, indistinguíveis, pontuadas apenas pelo carpete bege e as paredes cinzas.

Então, apareceu. Era pequenino. Tinha, creio, um terço de minha altura. Não era humano, embora parecesse. De fato, tinha características híbridas, como se não fosse de cá nem lá. Parecia humano, mas seu conteúdo era outro. Parecia humano, mas seus olhos arroxeados, sem pupilas, e a pele ligeiramente alaranjada, denunciavam que também era animal. Talvez, meio animal. Um bicho-gente, ou misto de algum tipo de duende ou fábula. Me olhou. Era feio, feito de duas as matérias e mais um punhado de natureza. Tinha cheiro de musgo. Me olhou do outro lado do corredor e parecia mesmo um bicho assustado, mas logo perdeu o medo e veio em minha direção.

Me olhou, mas não pareceu não me olhar. Difícil dizer com certeza. Seus olhos viam tudo, mas não observavam nada. Eram

mortos, vivos. Tudo nele era limiar. Pegou minha mão. Sua pequenina mão, quente. Me puxando, navegou pelos corredores daquele infinito. Direita, direita, reto, esquerda, esquerda direita reto reto direita esquerda cima baixo esquerda esreita diresca. Conforme nos movimentávamos, me sentia pesado, os joelhos doendo, as costas cansadas, e depois, no virar de uma esquina, tudo se transformava de novo, e era como se rejuvenescesse.

Esquerda, esquerda, esquerda, esquerda. A criatura, apesar das perninhas curtas, tinha passos lépidos sobre o carpete, que por fim se transformou em mato, em plantas, em folhas caídas, e tudo cheirava a molhado, e líquen e verde e as paredes cinzas deram lugar a um corredor de árvores tão alinhadas que não pareciam naturais, tão próximas umas das outras que suas copas formavam um gigantesco teto verde e era impossível ver o sol.

O bicho continuava, serelepe, enquanto nos aprofundávamos mais, e mais, e mais naquela densa, densa, densa floresta. Por entre as árvores, eles me observavam. Seus olhinhos sem pupilas, roxos, esdrúxulos. Milhares de pares de olhos, Quando, por fim, chegamos, era como se tivesse caminhado por duas gerações.

Estávamos no leito do que fora antes um grande lago. Era enorme, e por todos os lados cercado pela densa floresta. Seu solo estava úmido, barrento, como se ainda há pouco o estivesse transbordando de vida. Ao chegarmos ali, a criaturinha parou e ficou me observando, sem piscar. Estava claro que queria me dizer algo, mas eu não compreendia, e ela não parecia capaz de se fazer entender.

No centro do lago, havia uma grande pedra circular. Não era um seixo, moldado pelos rios ao longo de milênios, mas uma pedra talhada, construída por mãozinhas habilidosas.

Silenciosa, ela fremia.



11.

Contei esse sonho para meu analista, que intercalou minha narrativa com “uhuns” e “oh!s” interessados, mas sei que para ele era apenas mais um dia. Me disse, então, que o sonho era significativo de meu relacionamento com José. Que precisávamos conversar, nos abrir mais um com o outro. Depois fez uma série de metáforas sobre o trabalho, a vida e a água. De fato, achou particularmente interessante o papel da água em meu sonho. Por fim, terminou com um “às vezes, eventos cotidianos que não conseguimos significar tomam forma em nossos sonhos”. Saí de lá chateado. Para mim, aquela era uma narrativa tão intrincada, tão surreal, mas ao mesmo tempo tão realista. Me sentia compelido a contar para outras pessoas, mas não conseguia me abrir. Sabia que José estranharia, ou talvez mesmo desdenhasse. Cauê com certeza acharia bonito, “poético”, mas não entenderia o porquê de ser uma coisa ou outra. E mamãe, bem... Talvez mamãe estivesse na terra daquelas criaturinhas. Talvez fosse de lá, desse improvável limiar, que ela me acenasse.

Naquela tarde, contemplei a possibilidade de me dar alta. Durante muito tempo, a análise me ajudara a compreender melhor quem eu era, a me tornar melhor, e até mesmo a lidar com minha sexualidade. “Estruturação do desejo”, dizia meu analista. Mas, agora, me sentia rodando em círculos. Saí do consultório e observei um céu cinzento na esquina da Faria Lima com a Rebouças. Olhei o relógio. Eram 14h03. O tempo continuava nublado, feio. Chuviscava

de leve. Abri o guarda-chuva e caminhei lentamente de volta ao escritório. Tinha de resolver algumas planilhas, coisas simples. Logo poderia voltar para casa.

Mas não me sentia com vontade de ir para casa.

Era, com certeza, mau sinal. Enquanto meus pés navegavam pelas poças da calçada, ri amargo. Nos meus últimos dez anos, José foi tudo, meu norte. Eu o amara *tanto*. A ele tinha dedicado meus melhores anos, meu mais intenso amor, meu mais profundo carinho. O conhecia como a mim mesmo, aliás, melhor do que ele próprio. Talvez fosse aquela a minha sina. Ter José, saber José, *ser* José. Viver, amar e interpretar José. Ser o tradutor de José para as grandes massas. Não o amava mais, mas *o amava*, e não é essa a forma mais pura de amor? O amor fraternal, que ultrapassa as barreiras da carne. O amor de um pai ou de uma mãe. Desatrelar aquele laço era uma tarefa impossível. Me lembrei de uma lenda que ele me contara, sobre Alexandre Magno cortando um nó que não se podia desatar.

Cheguei ao trabalho com os pés encharcados. No computador, não demorei para resolver o que precisava. Logo, me vi cheio de tempo. “Ulysses nasceu em Pelotas, cidade que o pai escolhera para viver depois de finda a Guerra Farroupilha e que era então o principal centro econômico e cultural do Rio Grande, lugar onde ‘os ricos estancieiros iam gastar seus patações’, como bem notou em crônica o conde d’Eu, esposo da princesa Isabel. Esta influência se fazia notar no poderio que seus senhores exerciam na capital Porto Alegre, sede do poder regional, e onde Ulysses, já bem mais velho, guardou por três mandatos um cargo de deputado

provincial.

Mas a ligação do menino com Santa Vitória continuou nos longos verões que passou na estância, terra onde a avó Rita residiria até a morte. Lá aprendeu a cavalgar sem ter ainda idade para subir solito ao cavalo, e também a atirar e a caçar – antes de ser apresentado à garrucha, treinava a pontaria no bodoque, acertando os pássaros que o pai um dia observou apaixonado com olhos de menino.

Na cidade, o piazote, com poucos 14 anos, se civilizava, participando da agitada vida cultural pelotense, que tinha como um dos pontos de destaque os disputados saraus organizados pelo pai no casarão da família. Diogo Josué, entre muitos ofícios, se imaginava poeta, e embora seus versos tivessem pés-quebrados, toda a gente graúda da cidade ia vê-lo declamá-los, pois se ele era um caudilho suave, quase intelectual, ainda era um caudilho, com toda a pompa e circunstância que os coronéis de entanho mereciam.”

Sorri. Havia beleza na minha prosa. Era um dom magnífico. José vivia dizendo que as pessoas “não se tornam escritoras, mas nascem escritoras”. Talvez eu tivesse nascido escritor, e só agora, aos 30 anos, tivesse encontrado minha verdadeira natureza, como a cigarra que, depois de muitas metamorfoses, sobe à terra e encanta o mundo com sua guitarra. Como eu gostaria de mostrar a ele minha o que tinha escrito, não por soberba, mas para que ele compartilhasse comigo daquele dom, se admirasse. “Para que me admirasse”, disse, entre dentes, e só então, ao verbalizar aquilo, percebi o quanto minha relação com José tinha deteriorado. Precisava cortar o nó que nos

unia.

Fechei o arquivo, nomeado provisoriamente como “genealogia de um artista”, e abri outro no editor de textos. Meu *Anna Kariênina* tropical teria de esperar. Diante da tela em branco, tremi. Observei por um tempo, sua vastidão impossível, sobre a qual todas as realidades existiam. Meu Deus, estou cada vez mais parecido com José. Preciso desatar o nó.

Escrevi no topo da tela.

“Deslugar”

O editor imediatamente marcou a palavra com um sublinhado vermelho. Era uma não-palavra, uma invenção. Mas havia peso nela, certa dimensão que expressava exatamente o que eu gostaria de dizer. Queria falar sobre meu não-lugar, sobre a terra do sonho, o mundo daquelas criaturinhas. Aquele lugar limiar. O meu deslugar.

“Na beira da praia, vivem em relativa tranquilidade. Uma vida idílica, pré-industrial. Pré-qualquer-coisa. Das árvores que crescem nas encostas, constroem barcos. Ficam muitos dias no mar, às vezes semanas. Comem peixe, frutos e também uma raiz rara, única, que cresce na sombra de frondosas árvores.

Têm pequenas mãos e pés. De altura, pouco mais de um metro e meio, a pele alaranjada, os olhos roxos e os cabelos sempre brancos. Os homens deixam as barbas longas, decoradas com conchas. Fora isso, são quase indistinguíveis das mulheres. Não têm sentimento de posse. A terra e a água e os barcos são de todos. O sexo, igualmente, não pertence a ninguém. Quando um homem

deseja uma mulher, ele lhe entrega uma corda trançada com fibras de cânhamo. Cabe a ela demonstrar interesse dando um nó. Não há ‘casamento’ entre o povo pequeno. Quando ambos se cansam, desamarram o nó.”

Escrevia, quando o telefone tocou. Do outro lado, uma voz de barítono perguntou-me se eu era Josué. “Sim, sou eu”, respondi. “O senhor pode vir buscar o seu marido aqui no departamento de Letras?”

12.

A leitura do capítulo 19 me abriu algumas portas, mas também fechou outras. Os comedores de raiz eram, de fato, personagens *suis generis* na narrativa de Teixeira. Mas apareciam de forma tão colateral e desapareciam tão por completo que era difícil atribuir-lhes qualquer importância. Como uma tribo primitiva, com poderes mágicos – algo fora do usual no romance –, são um símbolo. Da magia, do mistério, de outro mundo. Também de algo pejorativo. Teixeira tinha uma grande dificuldade em lidar com a degradação de seu entorno, com o minhocão, a mendicância e as travestis. Difícil precisar o que se passava em sua cabeça, mas é possível que os comedores representassem esse *outro universo*, um com o qual ele era obrigado a conviver sempre que saía de casa.

Sinto-me, de alguma forma, aliviado. Não há razão no que me disse Ana. De minha boca escapa um sorriso. Era bela. Talvez se não fosse, não teria me causado aquele reboleio. Mexeu comigo como se eu fosse ainda um moleque. Acho que nós homens nunca deixamos de ser um pouco moleques.

Botei-me então a ler os diários. Fazia anos que não os lia, e tê-los ali, em mãos, no original, era revigorante. Mais tarde, quando chegasse em casa, mandaria um e-mail para Ana. Precisava agradecê-la. Afinal, mesmo que aquela busca não tivesse me levado a nada, ela me reavivara algo. “Obrigado, Ana”, eu lhe escreveria. “Por me atizar a curiosidade.”

Durante toda a sua vida, Teixeira manteve diários. Sua diligência era invejável. Escreveu todos os dias por anos. Algumas

entradas são simples, quase tópicas: “setembro, dia 19 de 19XX. Quente e ensolarado. O homem do tempo enganou-se, obviamente Trabalhei por 14 horas. Almocei na lanchonete em frente ao hospital. Um virado aa paulista.” Mas outros são narrativas intrincadas, que borram a fronteira entre a realidade e a ficção. É impressionante que conseguisse transformar sua vida absolutamente desinteressante em material literário. “17 de janeiro de 19XX. Sob a pálida luz da lua, os animais noturnos caminham. São grandes, pequenos. São disformes, malcheirosos. São belos. Seus olhos opacos observam-me debaixo do viaduto. Cheiram-me com seus olhos abertos. Sou como eles, animal de carne e osso e pelos. Um animal ferido. Sob a luz da lua, busco algo que me nutra. Os animais, como eu, estão famintos.” Como pode existir tanto lirismo?

Sigo a manhã Tateando. Nos diários, Antônio e Anton se misturam. Em dado momento, confundem-se. A eles, se juntam Immanuel Kame; a princesa Jasmin; Deodoro, o rei louco. Personagens de tinta e papel, mas escritos com tamanha vivacidade, com tanto viço, que é como se fossem feitos de sangue, ossos e vísceras. Sou absorvido por aquilo, e sinto-me conversando com eles. “julho, 19XX, o calor me oprime fui dar uma volta e passei pela rua onde naci a rua continua a mesma mas a velhaa arvore da minha infancia nao existe mais ali naquela casa tambem naceu o general anton anton ee o homem mais famoso de eblesqive sua graça e sua forza sam invejadas por todos tem dois metros de altura e inteligencia de um azougue santamos nos no cafe ali e conversamos ele diz que em breve a guerra terminaraa e vamos ter paz no reino gloria aos nossos herois.”

Almoço no café da biblioteca. Uma salada e um expresso. O preço é exorbitante. Dou uma olhada na livraria do lugar. Muitos livros de teses, pouca literatura. Sempre digo aos meus alunos: “Não adianta ler Benjamin e não ler Baudelaire.” Volto. A bibliotecária mais uma vez me sorri. Conversamos rapidamente. Ela me conta sobre os seus gatos, que estão gordos, alegres, bagunceiros. Saca o celular e me mostra fotos. Por fim, pergunta-me dos meus. Digo a ela que ficaram com Anna. Seu sorriso desaparece.

“agosto, dia 15, 19XX. Faz um sol úmido. A previsão era de tempo nublado. Tenho fome. Desço as escadas para não pegar o elevador. Da última vez, encontrei um vizinho. Sinto me estranho quando os encontro. Sinto me comido, escarrado. Sinto que estão pelas paredes, dentro e aleem, se boto o ouvido contra o frio do concreto, posso escutarlos trabalhar como baratas. Desço as escadas e vou ate o bar ali da esquina, donde já conheço as moscas. Posso nomear las, se quiser. Bolotas. Bicuda. Barbacena. Costa Azul. Douradinha e Miguel. Peço um fígado, arroz, feijam. O prato leva alguns minutos. na esquina, vejo seo Manuel e o cachorro. Gosto do bicho. do homem, nem tanto. Manuel me cumprimenta. O cachorro cheira qualquer coisa no cham. Sextillis. Immanuel acredita que uma revolução agrícola se avizinha ‘Não podemos permitir que nossas terras permaneçam assim, alheias. Os servos dizem aprender com a terra, mas somos nós, os nobres, que devemos cuidar que os servos aprendam para a terra.’ Jasmin ouve com atenzaam. Suas pequenas mãos batucam sobre o tampo da mesa. Volto para casa com a comida. Baratas dentro das paredes. Destampo a marmita. Destempo. Sinto o cheiro nauseabundo do fígado. Laa fora garoa



leve. O homem do tempo disse que faria sol firme. Estava, como de costume, enganado.”

“Destempo.” Naquele porão gelado, de concreto brutalista, iluminado por longas fileiras de luz fosforescente, presto, o nó se desata. “Destempo.” Tiro os óculos, limpo as lentes borradas de marcas de dedos, esfrego bem os olhos. “Destempo.” Com certeza foi um erro. Ou talvez um engano. “Destempo.” Interpreto e reinterpreto a letrinha pequena, desenhada, quadrada como se feita com o auxílio de uma régua. Encosto os olhos o mais próximo possível, quase esfregando o nariz no papel. Observo o volteio alegre do “a” conta a tristeza firme do “e”.

“Destempo.”

No meio de tantas letras, um “e”. Pego minha caderneta e anoto o dia, o ano e o volume da entrada. Levanto-me ofegante. Cumprimento a bibliotecária, que estranha minha palidez. Aceno, respondendo-lhe com um sorriso torto que está tudo bem. Subo de volta. Neste mundo, o céu começa a se alaranjar. No átrio da biblioteca, jovens cochilam.

Em passo acelerado, volto em direção ao prédio da Letras. No caminho, encontro um colega professor, que para meu desespero começa a conversar sobre longos tópicos diversos. “Você viu a nova tradução de Machado para o inglês?” Respondo com “uhuns” enquanto me remexo para que perceba meu desconforto, mas ele continua sua ladainha. É possível que Teixeira tenha se enganado. Sua literatura é cheia de pequenos e grandes erros de grafia e gramática. O nome do camareiro Immanuel Kame, por exemplo, é

grafado em diferentes partes do manuscrito como Immanuel Kami, Emmanuel Camu, Emanuel Kammi, Manuel Camme e variações. Sim. É totalmente possível. Melhor. É totalmente *provável* que o autor tenha se enganado. Observo o relógio duas, três vezes. Meu colega segue, pontuando sua fala com mexidas neuróticas nos óculos grossos, de lentes grossas. “A verdade é que o neoliberalismo nunca permitiu que...”

“Destempo.” Impossível que tivesse revisado as resmas e resmas de papel, os quilômetros que escreveu. E mesmo que quisesse, era improvável que se importasse. Teixeira não pensava, apenas escrevia. Escrevia como outros respiram, ou fazem a digestão. “Destempo.” Apenas um erro, e nada mais. “...A história nos absolverá!” Aceno que sim com a cabeça enquanto sorrio um sorriso desesperado.

Passam-se dez minutos. O professor finalmente exclama que está atrasado. Antes de partir, ainda me abraça de forma pegajosa. Livro-me, subo as escadas até a biblioteca, e só então percebo que deixei minha bolsa – e meus documentos – no guarda-volumes da Brasileira. Corro de volta até lá. Sentado em sua banqueta, o segurança me observa com irritante condescendência. Digo-lhe que esqueci minhas coisas, ele mal disfarça uma risadinha. Faço todo o percurso de volta em passo acelerado. Quando chego finalmente à biblioteca do Departamento de Letras, a noite já imiscuia-se sobre a Cidade Universitária.

Pego o volume correspondente ao ano de 19XX. Ali, na página 68, está a prova de minha incompetência. Sinto-me frio,

como se fosse desmaiar, e tenho de aparar-me sobre a mesa de fórmica da biblioteca. “...Destampo a marmita. Destampo. Sinto o cheiro nauseabundo do fígado. Lá fora, garoa leve...”

Destampo. A sutileza mutilada. Destruída por mim.

Do outro lado da mesa, vejo o general Anton e a princesa Jasmin. Os dois conversam. “Escute, Anton’, ela diz, segurando-o pelo braço e puxando-o para si. ‘A liberdade é algo que nós não podemos negociar. Não se negocia a liberdade! Precisamos lutar. Lutar!’ Do lado de fora, a luz difusa de um sol alaranjado fazia brilhar as colunas de mármore do palácio de Potaki. No pátio central, dois soldados dividiam um cigarro. Conversavam, despreocupados, amparando os corpos em suas respectivas garruchas. Sobre o que falavam? Mulheres. Família. Dinheiro. A vida depois do serviço. ‘Se esses homens soubessem que nada disso importa! Apenas o inimigo importa. A morte no campo de batalha, o cheiro ferroso de sangue dispersado no ar como neblina quente e grossa. Ingênuos. A guerra os espreitava e eles, idiotas, morrerão sem saber o que era o heroísmo. Pereceriam nas trincheiras ou no campo aberto de batalha, transpassados por uma baioneta ou um tiro de fuzil. A terra beberia então o sangue e os engoliria em suas lembranças. Muitos anos depois, ninguém falaria de Erim Ethä e Nicodemos.’”

Quando acordei, estava deitado sobre o chão frio da biblioteca, as pernas esticadas para cima, seguras por dois rapazes assustados, enquanto uns outros jovens rodeavam-me curiosos e a bibliotecária grasnava chamando pelos homens da brigada de incêndio, que subiam as escadas com uma maca. “Não, não! Não é

necessário!”, tentei argumentar, mas me levaram mesmo assim à enfermaria, localizada no subsolo, próximo à lanchonete, ao xerox e ao espaço estudantil. Enquanto descíamos até lá, senti meu rosto fulminado pelos olhares dos estudantes, “o que teria acontecido àquele homem de meia-idade?” pareciam indagar. O enfermeiro de plantão, que eu conhecia de vista, fez-me as perguntas de praxe: idade, profissão, se era alérgico a algum medicamento. Depois mediu minha pressão. “O senhor almoçou o que hoje?” Disse-lhe que uma salada e um café. Ele fez um “tsc” com a boca e disse-me em tom paternal que “eu deveria cuidar melhor da saúde” e “dar o exemplo”. Por fim, pegou umas bolachas numa gaveta de sua escrivaninha e pediu para que eu passasse o telefone de algum responsável. “Uma esposa, ou amigo, alguém que possa te levar para casa.” O único que podia me ajudar era Josué.

13.

José não tem mais idade para essas coisas, fora o susto com o telefonema! O pai dele morrera do coração e ele adorava repetir, normalmente enquanto comia algo bastante gorduroso, que “aquela era sua forma particular de suicídio” pois “tinha os genes dos cardíacos”. Pelo menos tinha parado de fumar. Mesmo assim, larguei tudo o que estava fazendo e rumei para a USP.

É engraçado, pois José nunca falava sobre a família. Não se dava muito bem com eles. Eram “um bando de burgueses burros, gente mesquinha com seu muito dinheiro”. Também ressentia o pai, “um homem de classe média-baixa, ignorante, que se casou com minha mãe por interesse.” Talvez ele estivesse certo. Ou talvez aquele fosse mais um de seus delírios. José tinha mania de grandeza, eu bem sabia. A narrativa de uma família descompensada lhe servia bem, como a flor que nasceu na lata do lixo. De qualquer forma, essa história não era minha para contar, e eu não poderia mesmo se tentasse Juntos há tanto tempo, o máximo que conheci foi sua mãe. Não me pareceu, de longe, uma “burguesa burra e mesquinha”. Era engraçada e espontânea, me abraçou e apertado e disse que era “um luxo” o filho ter um namorado.

O trânsito na Faria Lima estava insuportável. Pior, na pressa, me esqueci do celular. Preso no tráfico sem escapismos. Queria apenas ouvir um *podcast*, algo lúdico, que me tirasse da cabeça José, meus problemas, o recesso das águas. Mas tive de me contentar com a rádio, o ruído da música ruim e do falatório de jornalistas conservadores. Por fim, encontrei um programa onde um painel de

cientistas discutia a notícia do momento. Aparentemente, um grupo de pesquisadores norte-americanos estava planejando uma excursão à Fossa das Marianas, um dos últimos lugares que preservavam água do mar. Acreditavam que ali poderia estar a solução do dilema. Dez mil novecentos e oitenta e quatro metros de profundidade, mais de um monte Everest em baixo d'água – ou assim fora. Inacreditável como é vasto este nosso mundo.

Imaginei meus pequeninos habitando aquela praia. Vivendo ali em paz em suas casinhas de sapé, pescando e comendo suas raízes. Pensei por um segundo como aquela era uma grande oportunidade. Da nova terra brotaria pão para os famintos e casa para desabrigados. Juntos, descobriríamos como colonizar, dividir, frutificar.

Mas esse otimismo não durou um sinal vermelho. Acelerado, um motoboy veio zunindo por entre os carros e quase levou o meu espelho retrovisor. Filho da puta. Mundo, mundo, há tanto ainda para explorar, e eu aqui, na avenida Faria Lima, no meio do trânsito. Será esta a minha vida?

Cheguei à Cidade Universitária por volta das 19h. Na guarita, o segurança me fez esperar por mais tempo do que eu gostaria. “O senhor vai onde? Qual o assunto? Tem carteirinha?” Quando finalmente cheguei ao prédio da Letras, José parecia assustado. O enfermeiro, um homem negro, forte, de meia-idade, a cabeça raspada, me cumprimentou com um aperto de mão forte. Percebi pela voz profunda que era o mesmo homem com quem eu tinha falado no telefone. Se chamava Carlos. Me disse, cheio de dedos,

que José tinha tido uma queda de pressão, que eu deveria levar ele a um cardiologista. Depois, entregou ele a mim como quem entrega uma criança aos pais. Tive pena. Quando nos conhecemos, José era tão seguro, tão forte. Uma rocha. Agora, parecia diminuto, os ombros caídos, a postura de um velho. Voltamos calados para casa e ele sequer reclamou do som, como sempre fazia.

Foi uma noite estranha. Jantamos calados – mais calados do que de costume – e não dormimos juntos. José me disse que queria trabalhar em seu romance, e se trancou no escritório. Deitado sobre a cama, demorei a pegar no sono. As imagens daquele dia ficaram desfilando na minha cabeça. Fossa das Marianas. Quanto tempo levará para que seque totalmente, deixando no mundo um umbigo profundo e escuro? Ou talvez não seque de todo, e em sua volta formem-se balneários, cidadezinhas paradisíacas. Esse pensamento, de alguma forma obtusa, me tranquilizou. Embalado pelo som de ondas hipotéticas, caí num sono profundo.

14.

“Cara, Ana,

Gostaria de conversar com você sobre *Do Tempo Viajante*. Acredito que, graças à sua perspicácia, fiz uma descoberta interessante nos manuscritos de Teixeira. Por favor, responda-me a este e-mail assim que possível.

Um forte abraço,

Prof. Dr. José XXXX”

“José, boa noite,

Que bom que você mudou de ideia sobre o que te disse. Podemos conversar. Você pode vir para LXXX?”



O e-mail chegou às 3h18 da manhã. Lá fora, os passarinhos já começavam a atazanar a vizinhança. Bem-te-vis, sabiás, maritacas e maracanãs. É claro que eu não podia ir para LXXX. Tinha minhas aulas, minha vida. Tinha Josué. As coisas não funcionavam assim, não poderia largar tudo de uma hora para outra. Depois pensei melhor. Eu era um professor adjunto, tinha poucos alunos, poderia muito bem passar minhas aulas para algum colega. Sendo uma viagem “oficial”, para uma pesquisa acadêmica, poderia ser justificada. E quanto a Josué, bom, nós dois sabíamos que nosso casamento estava por um triz e que a distância nos era benéfica.

Além do mais, queria ver Ana. Desculpar-me pela minha bebedeira, desculpar-me por tê-la duvidado. Queria conversar, discutir, entender. Mas, mais do que isso, queria vê-la. Ver seus dentes e olhos, seu sorriso. Ver os seus dedos e unhas e sua pele e os cabelos mal tingidos. De repente, senti uma ereção. Como quando criança, me masturbei escondido, olhando para a porta, temendo que alguém entrasse, que meu marido entrasse. Uma masturbação rápida, culpada. Quando finalmente ejaculei, sujando minha mão esquerda, senti meu rosto em chamas. Envergonhado, limpei-me num lenço de papel. Fui ao banheiro e lavei-me minuciosamente. Pensei até em tomar uma ducha, mas tive medo de acordar Josué.

No escritório, reli trechos aleatórios de Teixeira. “Destempo.” A palavra gruda em mim como piche. “Destempo explica Teixeira.” Como ela pode ter percebido? Como, se nem *eu* percebi? Deveria ter tirado uma foto do manuscrito. “Erro de

paralaxe.” Que diabo! Mas não poderia lhe dar aquela vitória, não assim de mão beijada. “Destempo.” Preciso primeiro mandar um e-mail para meus editores, avisá-los desse erro. Não é algo assim tão terrível, pode ser corrigido numa nova edição, não prejudicará minha carreira. Talvez pudesse até chamar Ana para o grupo de pesquisas. Claro. Seria uma forma de aproximá-la. Quem sabe não poderia se mudar para São Paulo? Afinal, o que estava fazendo lá em LXXX? Era, com certeza, uma mente privilegiada. Tinha, de alguma forma, aquela semente, a mesma semente de Anna. Senti-me impelido a nutri-la, adubá-la, cuidá-la. Mas também podá-la, para que não fizesse comigo o que a outra fizera

Organizei-me ao longo da madrugada. Numa mala, botei os volumes que achei importantes de *Do Tempo Viajante*. O amontoado de livros tomou um espaço considerável. Precisei de outra mala para as roupas, que peguei, pé ante pé, no armário, enquanto Josué dormia pesado. Depois, fui olhar passagens. Se quisesse, poderia sair pela manhã, às 10h33, da estação Barra Funda, e chegaria às 17h15 em LXXX. Num impulso, comprei a passagem.

Precisava agora falar com Josué. Em dado momento da madrugada, parei diante dele. Roncava de leve. Sob as pupilas, os olhos se movimentam. Parecia sonhar. Queria poder abrir-lhe, sentir-lhe. Saber o que se passava naquela cabecinha. Meu doce Josué. Belo, ingênuo. Senti meu coração pesado. O que eu estava fazendo? Ainda o amava, isso com certeza. Mas será que ainda *o amava*? Poderia amá-lo ainda e assim me apaixonar por Ana? Minha cabeça estava zozna.

Covarde.

Senti uma vontade incrível de fumar, mas resisti. Sentei-me então na beirada da cama, mas o peso de meu corpo fez com que Josué acordasse.

“José?”, ele me perguntou, ainda sonado. “Que horas são?”

“São... cinco e pouco.”

“Dorme.”

Josué virou-se e continuou a dormir. Mas eu não poderia. O sono me fugira.

17.

Quando acordei, José não estava mais lá. Sobre sua escrivaninha, um bilhete.

“Meu querido Josué,

Surgiu-me uma questão de superior importância. É sobre trabalho. Preciso voltar a LXXX. Ausentar-me-ei de São Paulo por alguns dias. Espero que você entenda.

Amo-te,

José.”

Era estranho. Jurava que o tinha visto na madrugada, sentado sobre a cama. Conversamos? A lembrança era vaga. Naquele limiar entre a vigília e o sono, tudo é possível. Mais uma manhã solitária. Tomei um banho longo, me lavando com cuidado, a espuma abundante sobre os pelos pubianos. Me senti bonito. Mais tarde, mandaria uma mensagem para Cauê. Há quanto tempo eu não transava com José? Seis meses, talvez? Um sexo protocolar, burocrático. Um sexo sem desejo, feito apenas porque, num casamento, às vezes o sexo é necessário. Como se tivéssemos um contrato. “Vocês, Josué e José aceitam que, de hoje em diante, transarão um com o outro *ao menos* uma vez por ano.”

Analisei o meu desejo enquanto tomava café. Gostaria de unir os dois num só, ou, melhor, gostaria de poder voltar aos meus 20 anos. Com certeza, guiaria melhor minha relação com José, a levaria para um lugar mais tranquilo. O ajudaria a crescer de forma mais produtiva, criativa. Queria amar José. Amar ele por completo,

como no começo, quando não nos largávamos, quando o seu toque me dava arrepios, me fazia suar, engasgar. Me lembro que, antes de José, *ninguém* me tocara daquela forma. Com ele, entendi o que era o sexo, o tesão, o que era querer alguém em absoluto, por completo, diariamente. Me sinto culpado por meu caso com Cauê. Era uma insensatez querer viver assim, entre duas pessoas. Então, não sei porquê, sinto uma vontade irresistível de me masturbar. Olho no espelho. Toco as bordas do meu corpo. O pênis rijo. Me masturbo lentamente, me apreciando, olhando o meu prazer no espelho. Me lembro da infância, das axilas dos meu primos, seus pelos longos escapando por debaixo das mangas curtas da camiseta. Um desejo culpado. A vergonha inevitável ao me masturbar pensando em seus corpos.

Ejaculo sobre a pia num suspiro alto e lento.

Talvez José tivesse outro. Esse pensamento me veio a caminho do metrô. Era possível, embora improvável. De uns tempos para cá, a fonte de José tinha secado. Isso era evidente até para quem não dormia com ele. Da última vez que jantamos na casa de Saul, o amigo estranhou. “O que há, meu velho? Está amuado!” Depois, lá pelas tantas, Sandra me perguntou se estava tudo bem. “Nossa, está tudo bem com vocês? Como ele está estranho!”

Aquela fora uma noite estranha. José não era de beber, ou, pelo menos, não bebia comigo – Saul gostava de contar, engraçado, sobre as manguaças dos dois na adolescência. Mas, naquela noite, ele bebeu umas latinhas a mais e capotou no sofá. Roncava alto e eu morrendo de vergonha. Enquanto esperava o carro de aplicativo,

Saul me contou sobre a única vez que brigaram, “quando descobri que ele estava dormindo com uma de nossas alunas, abri uma gaveta, peguei uma garrafa meio vazia de *Black & White* e dei com ela na cabeça dele. Capaz de que tenha a cicatriz até hoje.”

Sei que hoje José era outro. Tivera sua fase de farra, depois se emendou. Mas, infelizmente, nunca se preparou para a meia-idade. Achou que a sua juventude fosse infinita, e agora, aos 43, se deparava com a mortalidade. Me lembrei da primeira vez que broxou. Meu Deus, como ele deu trabalho! Foi um tal de ir ao médico, e isso e aquilo. Tentei o mais que para que acalmasse, mas não houve maneira. Ele nega, até pela vaidade intelectual, mas sei o quão importante é a sua sexualidade, sua potência, sua virilidade. Se disser isso, capaz de ficar irritado. “Eu não sou um neandertal!” Mas a realidade é que, por baixo daquele verniz todo de refinamento, José era um homem xucro. Vou tão longe nessa teoria que sinto um cheiro insuportável vir da cozinha. São as torradas que botei no fogo, carbonizadas. Raspei com a faca e comi com manteiga.

“Bom dia, seu Josué, você está gostando d’O *Duplo*?” perguntou o homem que vendia livros. Menti que sim, que estava adorando. Mas só tinha folheado. Por um tempo, bateu papo comigo. Falou do clima, de política, me mostrou uns outros livros que tinha comprado – um bando de guias de viagem meio sebertos – e perguntou se eu queria levar alguma coisa. Sorri e disse que olharia na volta. Fazia calor, o metrô estava quente e úmido. O trem chegou, mas estava lotado. Decidi esperar pelo próximo. Esse demorou para chegar

Entrei no vagão e agarrei a minha mochila. Pela janela, a escuridão rápida do túnel me pareceu um convite. Fiquei olhando o nada, e uma estranha angústia tomou conta de meu peito. Os comedores de raiz, imaginei, viviam do outro lado de um túnel, não como aquele, largo, mas um outro, estreito, quase intransponível. Para chegar até eles, era preciso se esgueirar, de gatinhas, depois quase rastejar pela terra, sujando os cotovelos de barro. Conforme vamos adentrando, maior é o cheiro da umidade. Ao chegarmos do outro lado, é preciso tocar uma flauta especial, uma flauta mágica, para nos transformar. Os comedores de raiz são supersticiosos, e não permitem que qualquer um entre em seu reino. É preciso ser como eles, ter olhos mágicos que não veem, ou melhor, que veem apenas as coisas invisíveis.

Penso nisso enquanto o trem sacoleja nos trilhos, embalado por um barulho metálico.

Um dia eu serei como Josué, um homem de 40 e poucos anos, mal-humorado, birrento, cheio de manias. Já estava ficando um pouco assim. Nosso maior problema, pensei, é que éramos parecidos demais. Teria ficado como ele depois de tantos anos de convívio, ou teríamos sido sempre cópias imperfeitas um do outro? Senti um arrepio, como se um espírito tivesse me cumprimentado. Olhei em volta, mas não vi nada. Talvez fosse apenas o frio do ar-condicionado.

Na estação Brigadeiro, um homem de uns 60 anos entrou no vagão. Vestia um blazer xadrez meio velho, roto, puído nas mangas, e ostentava um enorme bigode branco. Cerrei os olhos para observá-

lo. Era o mesmo homem do almoço no outro dia.



17.

“Ana,

Preciso resolver algumas coisas na universidade, mas creio que possa visitá-la em LXXX.

Um abraço,”

18.

Agarrado à mochila, fui contando as torres de energia fincadas na beira da estrada. Íamos a oeste, perseguindo o sol. A oeste, como se fossemos apanhá-lo, como se fosse possível alcançá-lo atrás de uma nuvem ou depois da curva, de um posto de gasolina ou de algum pontilhão. O mesmo sol que tomamos emprestado da África e que depois entregamos à Argentina. A oeste que, naquele momento, me parecia um refúgio. Senti-me, de repente, nostálgico e um pouco patriótico. Ao interior do Brasil, marchemos! Para longe da costa, dos caranguejos portugueses que temiam se aventurar pelas matas. Para o interior, para o futuro. O oeste é o futuro. Distante do mar, ou do que um dia foi mar. Senti-me como Ulisses. Um Ulisses sem mar, é verdade. Um marinheiro da estrada, cortando o sertão brasileiro, rumo a minha Calipso. Ou seria Penélope? Talvez a traidora Molly... Ou, talvez, fosse apenas Ana. Nova Ana, Novana, Novanna, nova Anna. Penso em Anna. A pomposa Anna. Como é inútil escrever, que destino cruel, que profissão miserável. Contar e recontar os mesmos mitos que contamos e recontamos *desde as cavernas*. Ulisses, o ardil, Aquiles, o pelida. Ao pensar nisso, lembro-me da aluna que, séria, perguntou “mas como assim nós só temos *três histórias?*”

Mal consigo segurar uma risada.

Sentado ao meu lado, um homem estranha. Eu não me importo. Agarro-me a mochila e vou observando os canaviais infundáveis do interior paulista, o horizonte baixo, a linha reta da estrada.

Interminável.

Num determinado ponto, aparece um enorme outdoor decorado pelo retrato de Mona Lisa, anunciando, em portunhol, “faça tus compras em Paraguay”. A gigantesca Gioconda observava o tráfico de forma desinteressada, com seu famoso sorriso enigmático. Era uma combinação tão esdrúxula – o portunhol, a estrada, a Mona Lisa – que eu quis tirar uma foto. Imaginei que, se eu estivesse dirigindo, era capaz de perder o controle do carro. Quase vi o ônibus invadindo lentamente a contramão, os pneus guinchando, o acidente terrível. Mas, para o motorista, aquela era uma visão normal. “Erro de paralaxe”, diria Ana.

Lá pelas tantas, atravessamos o Paranapanema.

Às vezes, sinto um incrível vazio, como se meu corpo não me pertencesse. Como se fosse um autômato, uma casca sem alma ou conteúdo, uma pele ou veículo que perdeu o seu condutor. Sinto como se visse o mundo através de olhos alheios. Tenho 43 anos e o que conquistei na minha vida? Tenho um emprego que odeio, um marido que não amo e um livro que ninguém leu.

Lembro-me de um professor, há muito tempo, dizer-me que eu era um “herói de Dostoiévski”. Levei anos para entendê-lo. Acho que não o entendi até hoje. Do que eu entendo? De Teixeira, ou nem isso. Teria sido mais feliz como motorista de ônibus. Cruzando a estrada sem pensar, como um Ulisses moderno.

Ao meu lado, o homem ronca alto, irritante. Pela janela, vejo pasto e postes de luz. Lembro-me de minhas viagens à praia. Quando

criança, íamos todos à casa de minha tia, a família inteira, para longos verões à beira-mar. Lembro-me da minha adolescência. Das sessões de masturbação entre os primos. Das horas passadas observando meu próprio pênis, curioso, apavorado. O achava estranhíssimo. Temia que ninguém o quisesse.

Recostei-me na poltrona. Gostaria de dormir, mas não consigo. Nem tanto pelos solavancos da estrada, ou pelo ronco de meu companheiro de poltrona, mas porque borbulha em mim uma vontade. Estou ansioso, alerta. Abro a mochila e pego uma edição já meio gasta do volume 14 de *Do Tempo Viajante*, uma novela que se passa em paralelo a saga principal, e conta a história de uma dinastia do norte de Ebleskive, os Achill. Aquele fora o livro que me fizera apaixonar definitivamente por Teixeira.

Cheiro o volume. Ele tem cheiro de mim. O tenho há tanto tempo, que meu suor se impregnou ao papel amarelado. Quantas vezes não folhee aquela edição? Abro-o mais uma vez, talvez a milésima. Na primeira página, está escrito com uma assinatura que já não é a minha: “Abril de 20XX.” Eu tinha 22 anos. Posso me ver sentado no banco da universidade, ou fumando encostado na mureta, os cabelos longos. Era meu último ano.

Abro o livro numa página aleatória.

“...Alemeche José era um menino tímido, introvertido, e que não gostava das brincadeiras da maioria dos meninos da plantação. Seus passatempos eram observar formigas, pássaros, folhas. Gostava de inventar histórias na sua cabeça, coisas que o pai não entendia e não apoiava. O bravo Alemeche Degola queria um filho guerreiro,

um homem que honrasse seu sobrenome de sangue, do homem que degolou 200 gargantas na batalha do Cerro Alte, mas também do avô José, um dos grandes heróis de Jotlan, homem que cruzou ombro a ombro o Donar com o imortal Pantocrator!

Mas como sobreviver àquela sombra?

Diferente do pai e do avô, Alemeche não tinha sede de sangue. Aprendera a ler de um estalo, graças à mãe. Gostava do mundo dos livros, ou pelo menos achava que gostava, já que o material disponível era exíguo.

Foi só em Viena Beróia, a capital, que Alemeche se libertou. Achou guarida em um tio-avô, escriba e muito letrado, grande figura paterna de sua juventude e que lhe emprestava volumes e mais volumes de sua biblioteca, a maior e, provavelmente, a única do burgo – então não mais que uma vila colada às muralhas do castelo de Útica. O jovem lia de tudo, mas tinha predileção pelas histórias do panteão. Passava horas imaginando fábulas em que se tornava o mítico Farnécio e inventava 20 trabalhos para realizar.

O menino Alemeche acabou crescendo em Viena Beróia, virou adolescente e depois homem. Voltou a Santa Petrópolis em 2309, um ano depois de celebrado o tratado de Grune-Rosa, que fez vassalos os que um dia quiseram ser reis. Chegando, fundou uma dinastia. Casou-se, virou senhor de feudo, mas nunca perdeu o sotaque e as maneiras o norte. Também nunca perdeu a fascinação pelos mitos. Quando seu primeiro filho nasceu, não teve dúvidas, deu início a uma tradição familiar e o nomeou como seu herói

favorito: Achill, o de pés velozes...”

O ônibus faz uma curva leve e entramos na rodoviária. O sol, encoberto por nuvens escuras, não dava descanso, e, apesar de nublado, fazia 29 graus. Pego meu celular e tento ligar para Ana, mas antes que a ligação complete, a reconheço na plataforma. Estava com os cabelos tingidos de castanho escuro, e assim parecia quase uma cópia de Anna, uma semelhança tão grande que parecia irreal. Novanna. Minha vida, um ouroboros.

Ao me ver, ela sorriu.

“Fez boa viagem?”

O homem entrou no vagão e foi sentar-se ali num dos bancos preferenciais. Que estranha coincidência! Levantei de onde estava e cheguei mais perto. Queria poder observar melhor, ver aquele senhor. Tive certeza, não estava maluco. Era o mesmo homem do restaurante. Cheguei um pouco mais perto, quase ao seu lado. No ponto onde estava – em pé, diante dele –, pude sentir o seu cheiro. Tinha um cheiro de árvore e planta. Seu vasto bigode branco, peludo, arrepiado, lembrava, de fato, um tipo raro de orquídea. O homem abriu um jornal. Por si, isso já seria esquisito. Quem ainda lê jornal? Mas, reparei de esguelha, que, embora não estivesse amarelado, o jornal era de outra época, contava outras manchetes sobre outros presidentes.

O vagão esvaziou quando chegamos à estação Consolação. Eu deveria descer, para fazer a baldeação, mas, por um impulso, me sentei ao lado do velho e continuei o trajeto. Ao longo do caminho, sempre com o rabo do olho, tentei ler o que dizia o jornal que aquele senhorzinho lia com tanta atenção, mas por mais que me concentrasse, não conseguia decifrar por completo. Dependendo de como eu olhava, do ângulo e da posição, o jornal parecia dizer uma diferente, ora sobre o Brasil, ora sobre sabe-se lá que país, um país inventado, em línguas diferentes, com caracteres exóticos. Desisti. Ia descer na estação Clínicas, mas minha curiosidade não permitiu. Também, àquela altura, era melhor ir até o Vila Madalena e, de lá, pegar um aplicativo até o escritório na Faria Lima – era um caminho meio esdrúxulo, mas até que fazia sentido.

Conforme o trem ia avançando, o vagão foi esvaziando, até que, na estação Sumaré, ficamos só eu e o velho. Nesse instante, quis perguntar, falar, mas minha voz falhou, e por mais que tentasse, gritasse, me esforçasse, não conseguia produzir nenhum som.

Ao chegarmos à estação Vila Mariana, o velho levantou e foi em direção da porta. Segui. Estava determinado a falar. Mas, quando o trem parou, uma multidão entrou no vagão para viajar na direção contrária, rumo à Vila Prudente. Nesse momento, perdi o velho de vista. Sumiu, como se tivesse se mesclado ao concreto das paredes. Mais provável que tivesse simplesmente subido as escadas e desaparecido no dia.

Quando o trem partiu, fiquei parado por alguns segundos na plataforma, observando o túnel do metrô. Ali, na estação final, ele não levava a lugar algum – apenas a uma rotatória, onde os trens davam a volta para retornarem à Paulista. Era um grande buraco cheio de nada, frio e úmido. Por um instante, pensei ver o velho do outro lado. Estava cercado por criaturinhas pequenas, de pés e mãos pequenas e olhos arroxeados.



20.

Ana e eu paramos para tomar um café ali mesmo na rodoviária, um prédio circular, modernista, apocrifamente atribuído à Niemeyer. Pedi uma água e um café. Embora o céu estivesse tão encoberto quanto em São Paulo, fazia um calor insuportável, úmido, abafado. O relógio da estação agora indicava 31 graus, mas a sensação era de muito mais. Ela pediu um suco e um café. Depois me sorriu e repetiu a pergunta. “Você fez boa viagem?” Sinto-me animado como uma criancinha.

“Fiz, sim”, respondi, simples. “Senti-me um pouco como numa odisseia.”

Ela riu, mas, claro, não entendeu. Também, era uma comparação absurda, como chamar de kafkiana a fila de supermercado. Vi-me pedante, consciente de minha imbecilidade, e meu rosto foi tomado pelo embaraço. Que coisa ridícula, um homem de 43 anos corando diante de uma garotinha.

Paguei pelos dois cafés e as bebidas, trouxe a bandeja e nos sentamos em direção de um pátio no centro da rodoviária, enfeitado com uma grande réplica do Big Ben, homenagem às raízes britânicas do lugar – a cidade fora fundada por um punhado de imigrantes. Aquele símbolo fálico, brotando do meio de um anel de concreto brutalista, era, no mínimo, sugestivo. De alto, deveria parecer uma imensa cópula

Enquanto observava o movimento, Ana começou a beber o café. Estava com as unhas pintadas num tom marrom terroso.

Imaginei se também não estariam pintadas as dos pés e, imediatamente, tive uma ereção.

“É bonito este prédio da rodoviária”, menti. “Dizem que é do Niemeyer.”

“Isso é lenda do povo para sentir que a cidade é importante.”

Sorri. Era engraçado que dissesse isso. Espirituoso, no mínimo. Ana era inteligente. Também irrequieta. Um espírito livre. Era preciso tirá-la daquele lugar. Levá-la para São Paulo. Aqui, era uma flor perdida na lata do lixo. Em São Paulo, poderia ser cultivada, e essa era a minha obrigação. Pensei se talvez não fosse esse o meu destino, meu objetivo no mundo: cultivar mulheres. Escrever para quê? Para quem? Por que criar personagens de tinta e papel se podia criar pessoas? Sim, com um pouco de trabalho, faria de Ana minha personagem, minha segunda obra-prima. Talvez até melhor do que a primeira.

Ana terminou seu café enquanto eu ainda bebericava. De sua bolsa, pegou uma edição grossa de *Do Tempo Viajante*, um compêndio, resumo que eu abominava. Fingiu folheá-lo, mas no fim não citou passagem alguma. Apenas me perguntou.

“Você disse que tinha encontrado novidades, sobre o que se trata?”

Dei uma golada grande no café, e o líquido me queimou de leve o céu da boca, machucando também a garganta enquanto descia irritado para o esôfago. “Bom, fui dar uma olhada nos manuscritos de Teixeira e encontrei, de fato, um erro na minha organização. Um

erro menor, creio. Mas um erro, de qualquer forma. Num dos diários, está escrita a palavra ‘destempo’, como num lugar fora da temporalidade. Mas na edição, ficou ‘destampo’, do verbo ‘destampar’.”

“Destempo é, realmente, muito melhor. Uma palavra ótima para descrever o que se passa em Teixeira... Mas não sei se essa descoberta por si o faria viajar mais de 400 km. Você poderia ter me falado por e-mail.”

É verdade. Mais uma vez me senti inútil, suado, velho, carcomido. Um ser abjeto. Um verme. Por que estava ali? Eu sabia muito bem. Como um adolescente, eu sabia.

“Você utilizou essa mesma palavra.”

“Utilizei? Não me lembro. Se usei, ponto para mim”, ela brincou

“Também reli o capítulo 29, sobre os comedores de raiz.”

Os olhos de Ana brilharam.

“Os comedores de raiz são meu aspecto favorito do livro. De fato, foram minha tese de conclusão de curso, e é sobre eles que estou trabalhando no meu mestrado. Está neles a chave de entendimento de toda a obra, todos os 95 volumes...”

Era bela.

“A chave está num grupo de personagens secundárias que aparecem em duas ou três linhas de uma obra de literalmente milhares de páginas?”, desdenhei.

“Nominalmente, os comedores de raiz são secundários, pouco citados. Mas eles estão implícitos ao longo de todo o texto. São eles os observadores e é através dessa observação que acontece a paralaxe.”

“Não sei se compreendo.”

Ana batucou com os dedos sobre o tampo de vidro da mesa. “Deixa eu perguntar, e se você pudesse viver para sempre, mas a cada 80, 100 anos perdesse a memória? Você toparia?”

“Que tipo de exercício é esse?”

“Apenas responda.”

“Não faço ideia. Mas provavelmente, não.”

“Sim, porque a experiência da vida está ligada à memória. Qual sentido em viver diversas vezes e não guardar nenhum conhecimento? De que nos adiantaria viver mais de 2000 anos se não pudéssemos guardar nada desse processo?”

“O.K., mas o que isso tem a ver com o Teixeira?”

“Tudo. A literatura de Teixeira se dá num universo onde as personagens vivem e revivem as mesmas histórias e as mesmas vidas. As referências são sutis, mas claras. O general Anton, por exemplo, é a mesma personagem que o conselheiro Kame. A mesma pessoa, só que em momentos diferentes. Há uma série de *döppelgangers* ao longo de todo o livro. Nesse sentido, a obra é profundamente metaficcional. As personagens em Teixeira são, literalmente, personagens, exceto os comedores de raiz. Eles estão acima. São os únicos seres originais, sem duplos. ‘Olhos que não

veem.’ Eles são os expectadores.”

“Não deixa de ser uma teoria interessante”, admiti. “Se possível, gostaria de ler sua tese de conclusão do curso. Com a minha anuência, com certeza você poderá ter acesso aos manuscritos de Teixeira em São Paulo e...”

Mas, diferente do que eu imaginara, ela não se animou.

“O que me incomoda”, ela interrompeu. “É que neste momento tudo parece fora de lugar, tudo parece esquisito.”

“Tudo *está* meio esquisito. Daí você ficar vendo essas coisas...”

“Não é isso. É quase como se *nós* também fôssemos personagens, entende? Como se tudo não passasse de uma ficção.”

“*Quando o homem foi à Lua, parecia ficção*”, citei. “Quando vemos algo assim, é inacreditável. Mas é real. A vida, infelizmente, não é um livro, não segue uma sequência lógica, ou mesmo ilógica. Não é *fantástica*. A vida é chata, enfadonha, muitas vezes anódina. Temos de acordar todos os dias para viver uma rotina estúpida, escovar os dentes, tomar café, trabalhar. Repetimos milhares de vezes esses rituais, sem motivo ou razão para isso. Nosso único consolo é, às vezes, nos divertir”, disse, olhando de esguelha para os seus seios.

Não sei se Ana percebeu meu olhar, mas fez uma careta. De seu jeito enigmático, aquilo poderia ser tanto um sorriso quanto espasmo de nojo. “Talvez você esteja certo”, ela disse, olhando a hora no celular. Conheci-a há pouco tempo, mas já notara esse

cacoete. “Você já tem onde ficar na cidade?”, perguntou. Confessei-lhe que não, o que era verdade, mas não admiti que esperava ser convidado à sua casa. No fim, ela me surpreendeu.

“Você pode ficar em casa. Tenho um sofá-cama no meu quartinho da bagunça”, ela disse. “Aliás, podemos ir indo. Eu tenho uma surpresa para ti.”

Nesse momento, imaginei os atos mais lascivos, as imundices mais sujas. Imaginei-me refestelando em seu ventre, lambendo-a, sorvendo-a, chupando-a, enfiando meus dedos em seu corpo jovem, fazendo-a gozar como uma cachorra. Queria emporcalhá-la.

21.

No Uber, mandei mais uma mensagem para José. Depois, não sei explicar o porquê, caí num sono profundo. No sacolejo do carro, dormi um sono sem sonhos. Pisquei e, quando abri os olhos, estava na frente do trabalho. Foi tão súbito, que demorei para entender onde estava, o que tinha acontecido. Quando abri finalmente os olhos, levei um bom minuto para me adaptar à claridade pálida daquele dia.

O motorista deve ter achado graça.

22.

De carro, Ana me levou até o seu apartamento. Ficava num prédio de um bairro novo, grande empreendimento imobiliário, com ruas largas e prédios de muros altos, quase sem passeio. A coisa toda era voltada para um shopping center que, ela me contou animada, abrigava uma excelente livraria, além de um café da moda. No caminho, fiquei imaginando o quão bom seria viver ali com ela no interior, talvez até ter uma família. Uma nova família

Eu tinha 24 anos quando me casei com Juliana. Ela tinha 23. Éramos, com certeza, muito jovens para a empreitada e, hoje, quase vinte anos depois, ainda não sei dizer o porquê daquilo. Mas, ao amarrar as duas pontas da vida, creio que foi um afobamento, uma coisa de jovens. Ela era bonita, me parecia inteligente – não era, apenas esforçada – vinha de uma boa família, tinha excelentes antecedentes, falava um português correto, inglês fluente, estudara numa boa universidade. Era, enfim, alguém que eu podia apresentar, um prêmio pela minha boa índole, por ser um bom cidadão. Ou, melhor, era a recompensa pela minha adolescência solitária, pela minha timidez e acanhamento. Eu crescera e virara um homem bonito ou, se não bonito, com certeza charmoso e indubitavelmente inteligente. Os anos de clausura, de leitura e de masturbação me deram Juliana.

Por isso eu era feliz.

Nos mudamos para um pequenino apartamento no bairro de Pinheiros, então relativamente pacato e residencial, muito antes da gentrificação. Eu trabalhava no cursinho com Saul. Juliana dava



aulas de inglês. Uma vida admirável, perfeitamente classe média. Compramos um cachorro, um pastor-alemão que chamei Anton, em homenagem ao general. Um ano depois, nasceu Atena, uma menina linda, nossa filha, nomeada em homenagem à deusa, mas também à minha mãe – minha família tem essa tradição esquisita de nomes greco-latinos.

Mas então aconteceu Anna.

Quando Juliana descobriu, pediu-me imediatamente que deixasse nossa casa. Tentei argumentar, mas ela simplesmente fez um ultimato. Disse que deveria partir em, no máximo, uma semana. Como arranjaria um outro lugar para morar, não era do seu interesse. Eu não tinha carro, detestava dirigir, mas Saul tinha uma picape que pedi emprestada – ele também estava possesso comigo, mas honrou nossa amizade. No caminho até minha antiga casa, onde fui buscar minha coisas, passei por debaixo do túnel Ayrton Senna, ali embaixo do parque, e me veio a procissão do meu pai, o enterro no cemitério do Morumbi. Não pude conter-me. Comecei a chorar como um desesperado. Tão patético que um policial me parou para perguntar se estava tudo O.K.

No divórcio, Juliana ficou com tudo: o pequeno apartamento em Pinheiros, o cachorro, minha filha. Sei que seguiu a vida. Casou-se e alguns anos depois se mudou. Anton morreu há uns anos, fiquei sabendo por um amigo. Já minha filha fez 18 anos no mês passado.

Não a vejo há 15 anos.

“Quantos anos você tem mesmo?”

“Eu? Eu tenho 23.”

Ao todo, o trajeto entre a rodoviária e a casa de Ana levou cerca de dez minutos. Enquanto dirigia, ela falou de generalidades. Disse-me que, nesses últimos dias, tinha lido e relido alguns trechos de Teixeira, que grifara algumas coisas, fizera anotações.

Ao chegarmos, fiquei impressionado com o apartamento. Era incrivelmente espaçoso – ou talvez fosse pequeno demais. De fato, a nudez absoluta da decoração fazia com que parecesse maior. Não havia sequer uma estante onde guardar os livros, que jaziam jogados em todos os lugares, encostados pelas paredes e caídos pelos cantos.

Ela jogou sua bolsa no chão sem cerimônia, tirou os sapatos e pediu que eu fizesse o mesmo. “Encontrei uma coisa num sebo, quase não acreditei”, ela disse, e foi fuçar numa pilha de livros que, largados num lugar qualquer, pareciam apenas um monte de lixo. “Veja”, ela falou, sacando daquele monte um exemplar bastante machucado de *Montanha-russa*.

“Meu Deus!”, exclamei, com genuíno espanto. Que odisseias aquele livro não passara, como foi que ele chegara ali, num apartamento pequeno-médio-grande em LXXX, no interior do Brasil, quase na fronteira com o Paraguai? Quem teria sido o intrépido que o comprara e o trouxera? Esse pensamento me levou a um outro, que brotou mesquinho no fundo da minha cabeça, e que eu fiz de tudo para suprimir.

A história daquele exemplar era mais interessante que a do livro em si.

“É seu, não é?”

“Sim! Há anos que eu não via um exemplar assim, solto pelo Brasil”, disse, mas com medo de parecer humilde, me emendei. “O livro vendeu bem na época. Eu tenho alguns exemplares em casa, claro, mas não costumo folheá-los. Você sabe, ‘me orgulho mais dos livros que li, dos que escrevi’.”

Ela riu, talvez sem entender a referência. “Achei uma narrativa... Diferente. Quantos anos você tinha quando escreveu?”

Aquilo me machucava.

“Eu tinha uns... Trinta, talvez, não me lembro bem...”

Ana me observou por trás dos óculos, seus olhos bonitos e enigmáticos. Pela expressão de seu rosto, não pude ter certeza se me caçoava ou se levava a sério. Comecei a suar nas palmas das mãos. Que desgraça. Ana estava gozando de mim, da minha literatura, alfinetando com preguinhos o meu ego. Desejei nunca ter entrado naquele apartamento, vindo com ela no carro, viajado naquele ônibus. Desejei nunca ter saído de São Paulo. Desejei nunca ter escrito aquela porcaria.

Desejei nunca ter nascido.

“Você continua escrevendo?”

“Sim... Um pouco. Mas hoje, meu trabalho é principalmente acadêmico”, menti. “Estou, aliás, com um artigo para sair sobre a questão dos espelhos em Teixeira, trouxe até um manuscrito aqui na mala para você ver... Se pudermos falar um pouco sobre isso.”

“Você sabe, acho que há um livro em você. Não este. Notei que sua escrita é muito amargurada. Você parece o tempo todo preso, como se escondesse algo, como se estivesse bloqueado.”

Ri nervoso. “Pois é, todo mundo é um crítico, mas...”

“Não é uma crítica... Quer dizer, acho que é uma crítica, mas construtiva. Você sabe escrever, com certeza. Mas ainda não é um artista.”

Aquilo me irritou. Quem essa pirralha, essa menina que mal saiu da faculdade – e de uma faculdade mixuruca, no meio do nada, no interior do Brasil – pensa que é? Quem essa menina fedendo a leite, que não deve ter lido sequer dez livros na vida, acha que é para dizer que *eu* não sou um artista!? Parti para a ofensiva.

“Acho que talvez você não tenha entendido completamente a narrativa”, comecei. “Não que ela seja muito elevada para você, não é isso, mas essa narrativa é propositalmente densa”, continuei. “A ideia não era pegar na mão do leitor, mesmo. Era que ele se virasse. É o que eu digo, existem romances de aeroporto, e existem os grandes romances”, terminei.

Ela me olhou de forma indecifrável, bruta esfinge. Riu com o canto da boca, e eu não sabia se tinha achado graça ou se concordara. Talvez fosse apenas irônica. Ela então abriu o livro numa página que estava marcada, e me mostrou um trecho grifado.

“...Lambo-te o sal da cara, do colo, a mina de sal de entre as pernas. Provo-te como um menino experimenta um doce novo, um cheiro novo, de planta e de peixe e de sal...”

Em algum lugar, Teixeira me observava. Ou talvez fosse Ulisses, ou meu pai. Não. Não era nenhum deles, mas centenas de pares de olhinhos arroxeados. Destempo. Mas não acabei de escrever aquela frase alguns dias atrás? Sinto uma ligeira náusea. As mãos suam. O corpo sua, estou molhado dos pés a cabeça, como se algo represado tivesse estourado, um maremoto, e quando percebo meus olhos estão marejados. Mas seguro firme e impeço a torrente de rolar pelas bochechas.

Por sorte, Ana não percebe.

“Mina de sal é uma péssima figura nesse caso.”

“Por que você diz isso?”

“Mina de sal me lembra um trabalho pesado, insalubre. Não me parece uma descrição apropriada para uma buceta.”

A palavra “buceta” ressonou no meu ouvido, primeiro próxima, como se Ana me sussurrasse um segredo, depois distante, como se ela gritasse ao longe, de alguma ilha perdida, um lugar encantado, de porquinhos perdidos. Por fim, eram gritos abafados, como se eu tapasse os ouvidos para não ouvir os seus cantos de sereia. Os olhinhos de multiplicavam, batiam palmas com mãos pequeninas, e tudo me pareceu familiar. Sim. Aquele apartamento era um cenário, eu e Ana éramos atores. Estávamos reencenando uma peça. Mudam-se os atores, mas as personagens são as mesmas. As mesmas histórias que contamos desde as cavernas. Dei uma gargalhada – ou acho que dei – e então me senti louco, pois o apartamento *realmente* parecia um cenário, um palco nu ou quase

nu, os livros meros objetos de cena. Algum lugar transitório, nem lá, nem cá, ou talvez eu estivesse vendo, pela primeira vez, as coisas com clareza. Era isso. As personagens, a paralaxe, Teixeira na plateia, centenas de pares de olhinhos roxos, apertados, criaturinhas pequenas, esquisitas, que olham, mas não veem. Ou melhor, veem, mas apenas o que é invisível.

Num átimo, desatou-se o nó górdio. Tudo fez sentido. Mas, por que justo agora? Por que justo quando sinto essa dor imensa?

“Ana... Eu acho que estou morrendo.”

Quando cheguei ao escritório, tentei imediatamente falar com José, mas a ligação foi direto para a caixa postal. Ele devia estar na estrada. Mandeí outra mensagem. Depois, falei com Cauê, que me respondeu rápido, me disse que estava morrendo de saudades. Combinamos de tomar uma coisinha depois do trabalho, isso se não chovesse, claro. O céu continuava nublado, abafado. Pior, lá pelas tantas, o ar-condicionado pifou, e o escritório foi tomado por um calor úmido, grudento. Em pouco, minha camisa ficou empapada de suor. Tanto que, na hora do almoço, para me refrescar, comi um combinado japonês com sushi e sashimi e tomei uma limonada turca bem gelada.

Adiantou pouco. Meu cérebro não estava concatenando. Me senti mole, uma pasta de piche derretendo sobre a cadeira. Aquele calor me fazia mal. Além do mais, estava chateado. Enquanto editava uma planilha, com dificuldade, compreendi que meu casamento tinha acabado. Sim. Éramos hoje pouco mais do que amigos. Dois amigos que viviam juntos. Talvez nem isso. De repente, meu rosto se encheu de lágrimas. Dez anos! Estava acabado, acabado. O nó se desatara, e com ele uma barreira. Meus olhos jorraram, mar revolto. Morto de vergonha, corri para o banheiro. Ali, me tranquei numa das cabines para poder chorar baixinho. Fiquei ali uns dez minutos, me recompus. Antes de voltar para minha mesa, parei rapidamente em frente ao espelho, limpei bem a cara, me arrumei e, apesar dos olhos um pouco inchados, me senti um pouco melhor.

Às 14h30, não tinha mais o que fazer no trabalho e falei com meu chefe para que, pelo amor de Deus, me liberasse. Ele, que também estava com o peitilho da camisa molhado, disse que sim, mas pediu para que ficasse ligado ao celular “para caso houvesse alguma emergência”.

Não haveria. Teria a tarde livre para fazer o que quisesse. Pensei em passar no supermercado, escolher um vinho, quem sabe ingredientes para uma massinha. Depois pensei melhor. Com o apartamento vazio, teria liberdade absoluta, teria tempo. *Meu tempo*, sem precisar me preocupar com José. Voltaria para casa, tomaria um longo banho gelado, e voltaria a escrever. Enquanto caminhava, percebi que aquele era um fim de ciclo, e como tal, merecia ser celebrado. Deveria tirar férias, aquelas que eu estava postergando. Sempre quisera conhecer a Espanha, Portugal. Pegar um carro, sozinho, e visitar o interior, conhecer as vinhas, as cidadezinhas, comer bem em tascas e bodegas. Lula e calamares no Algarve, bacalhau no Porto, tapas em Barcelona, gaspacho na Andaluzia. Quase sinto o cheiro do jamón, dos vinhos, do azeite de oliva. Ah! Viver. Quanto tempo não me privei da vida? Acho que vou fazer uma tatuagem.

Chego em casa e tiro rapidamente as roupas, grudadas no corpo pelo suor do dia. Vou ao banheiro e ligo o chuveiro bem gelado. A água faz retesar meus músculos, e sinto quase um choque. Caio na gargalhada, enquanto a água escorre pelo meu corpo. É tão claro! Vejo agora claramente. Preciso me separar também de Cauê. Uma despedida alegre, sem mágoas nem dores. Preciso me separar



de Cauê, pois sem José, ele não faz mais sentido. Aliás, sem José, eu não faço. Mas é por isso que preciso me desapegar, desatar. Preciso ficar sozinho, viajar ao centro de mim, descobrir todo o negrume, o azedume, desterrar toda a lama, o cascalho, a sujeira que os anos e a chuva me trouxeram. Preciso morrer um pouco para poder me transformar.

Meu analista se sentiria orgulhoso.

Cauê chega em casa por volta das 20h. Está bonito, como sempre, engraçado. Beijo com carinho os seus lábios, e conto a ele, de supetão, minha decisão. Ele, claro, se ressentido, mas, por fim, aceita de bom espírito. Com os olhos marejados, confessa que “no fundo, sempre soubera que isso logo iria acabar.”

Choveu forte aquela noite, como há muito não chovia. Uma chuva braba, de trovões, ventos, gotas pesadas batendo contra a janela. Enquanto o mundo desabava, eu e Cauê jantamos e bebemos. Ele me fez rir, me contou de sua vida, de seus namorados e amores, e percebi o quanto era adorável. Soube então que acharia seu caminho, que seria feliz. Já no fim da noite, transamos violentos, ódio no amor, deixando escorrer pela cama todo o líquido, o suor, mar salgado.

XX.

Foi no inverno, alguns meses depois de José morrer. De forma tão inesperada quanto começou, os mares voltaram a encher. Hoje, dez anos depois, virou apenas uma memória. Muita gente nem se lembra, ou lembra só de ouvir falar. Eu mesmo, quando perguntado, tenho de parar um pouco para pensar. Aconteceu de verdade? Olhando assim, parece que o tempo apagou a realidade, deixando apenas uma mancha.

Quando José morreu, encontrei em seu computador uma série de contos belíssimos, alguns engraçados, outros realmente assustadores, de arrepiar a espinha. Textos poderosos, de um lirismo e sensibilidades que ele não demonstrava há anos, quase como se tivesse canalizado tudo para o papel. Organizamos tudo num livro. *Montanha-russa*, o conto que dá título à obra, é uma narrativa fantástica sobre um homem chamado Tetsuo Aso e sua busca pela montanha-russa perfeita, uma que fosse “como a vida em cinco minutos, com todos os seus altos e baixos.” Em cada brinquedo, ele se transforma. Torna-se ora amargurado, ora alegre, ora solitário, ora esperançoso, como se *de fato* vivesse uma vida toda ali, naquele espaço de tempo. Por fim, o personagem acaba não se reconhecendo mais, e nem sabe o porquê de sua busca. Apenas segue, como um autômato, vivendo múltiplas vidas.

Ao ler aqueles textos, no calor dos acontecimentos e na tristeza do luto, senti como se eu e José estivéssemos conversando. “Era isso que eu queria te dizer.” Uma conversa franca, final, a despedida que não tivemos. Não acredito em destino, mas acho que

era meu papel encontrar esses textos, organizar e dar forma ao livro de José. Na época, *Montanha-russa* foi muito bem elogiado, ganhou um prêmio importante, um burburinho avassalador. Me lembro de ler um artigo de jornal, se não me engano na *Ilustrada*, sobre como era uma grande tragédia que um autor de talento tão extraordinário morresse tão jovem. Era um texto tão bonito que comprei a edição impressa para guardar. Está nas minhas coisas, em algum lugar.

No fim, meu livro nunca saiu, embora ainda o escreva aqui e ali. Às vezes brinco com meu marido que, quando eu morrer, ele terá um *O Processo* para organizar. Ele ri, mas não entende muito bem. Cauã é das exatas, um economista inteligentíssimo – muito bonito, por sinal – mas que prefere ler sobre econometria ou, glória, sobre culinária. Cozinhamos muito juntos, e ele faz uma lasanha maravilhosa. Posso dizer, com bastante alegria, que fui conquistado pelo estômago.

Hoje, *Montanha-russa* ainda é um livro querido. Vira e mexe algum de seus contos cai no vestibular, ou é adaptado para a televisão ou o cinema. Esses dias mesmo, um diretor de cinema veio me procurar, mas não pude ajudá-lo. Logo depois da publicação, cedi os direitos da obra à Fundação Antonio Teixeira, que fomenta a pesquisa sobre *Do Tempo Viajante*. Acho que José iria gostar.

Às vezes, quando estou na praia com meu marido e meus filhos, sinto aquele cheiro de sal no mar e olho para o horizonte, para aquele ponto distante onde a água parece tocar o céu, e me lembro de José, de seu jeito rabugento, de suas chatices e suas reclamações. “... Deus deu ao mar o perigo, mas é nele que espelhou o céu...” Nesses

momentos, sinto que me observa. Então me bate uma saudade tremenda. Uma saudade de José. Uma saudade de mim.

## Agradecimentos

Este livro é meu, mas também de muitas pessoas. É de minha família, dos meus avós, Michel e Cristina, das minhas tias, dos meus irmãos e até do meu padrasto. É dos meus amigos, da minha “sobrinha torta” Alessandra. É de todos aqueles que, de alguma forma, me ajudaram, apoiaram e ouviram nos últimos cinco anos.

Mas é, especialmente, de André Silva, que o leu antes de todos, quando *Destempo* ainda era apenas um conto; de Gabriela Furniel, que, de tanto insistir, também o leu primeiro – e acabou por ajudar no projeto gráfico da capa –; e de Luan Flávio Freire, que acreditou na minha literatura quando nem mesmo eu acreditava

Muito obrigado.

## Sobre o autor



Jotapê Jorge nasceu em São Paulo, onde vive até hoje. Escreve profissionalmente desde os 19 anos. Foi jornalista, trabalhou em grandes meios de comunicação impressa e hoje, é professor de literatura. *Destempo* é o seu primeiro romance